



# Projetos de arte caricatural na cidade do Rio Grande nos primórdios do século XX

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

**85**



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)  
Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025





**Projetos de arte  
caricatural na cidade  
do Rio Grande nos  
primórdios do século  
XX**



COLEÇÃO  
RIO-GRANDENSE



## CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -



Francisco das Neves Alves

# Projetos de arte caricatural na cidade do Rio Grande nos primórdios do século XX



CIPSH  
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES  
CONSEIL INTERNATIONAL DE PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE  
**AbERTA**   
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2024

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves  
**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil  
**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo  
**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres  
**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira  
**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco  
**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

### **Ficha Técnica**

- Título: Projetos de arte caricatural na cidade do Rio Grande nos primórdios do século XX
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 85
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Novembro de 2024

ISBN – 978-65-5306-032-6

**CAPA:** *Álbum Ilustrado: caras e caricaturas*

### **O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.



# Apresentação

Desde meados do século XIX, a arte caricatural ganhou progressivo espaço em meio ao público brasileiro. Divulgada normalmente por meio da imprensa, a caricatura caiu no gosto dos leitores, que encontraram um grande atrativo naquelas criações imagéticas calcadas no humor, na crítica e na ironia<sup>1</sup>. As gravuras caricaturais litografadas se espalharam pelo Brasil, chegando a diversas de suas unidades administrativas, mormente em suas maiores localidades. A Província, depois Estado do Rio Grande do Sul teve um fluxo contínuo de publicações voltadas à caricatura, principalmente em suas três maiores cidades, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas<sup>2</sup>. Entre as mesmas, a localidade portuária do Rio Grande foi o maior

---

<sup>1</sup> Sobre a expansão da caricatura no Brasil, ver: FLEIUSS, Max. *A caricatura no Brasil. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. 80. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. p. 583-609.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. *A caricatura no Brasil*. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 3-21.; SINZIG, Pedro. *A caricatura na imprensa brasileira: contribuição para um estudo histórico-social*. Petrópolis: Vozes, 1911.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2.ed. São Paulo: Documentário, 1976.

<sup>2</sup> Acerca da caricatura no Rio Grande do Sul, observar: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata no Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

entrepasto comercial gaúcho, de modo que teve uma evolução socioeconômica que lhe permitiu um recrudescimento demográfico e uma afirmação cultural, prestando-se, inclusive, à formação de um mercado consumidor de caricatura<sup>3</sup>.

A arte caricatural se estabelece a partir do traço, do desenho e da gravura, representando pessoas, figuras ou fatos de forma grotesca, cômica ou satírica. O criador desse tipo de arte é aquele que sabe expressar em traços, sinais, desenhos, a natureza crítica da caricatura, sendo capaz de elaborar e celebrar, com manchas sumárias, figuras, para cuja fisionomia contribui de forma grotesca, burlesca ou simplesmente ridícula<sup>4</sup>. Tal arte visa a apreender um movimento, por vezes imperceptível, e torná-lo visível a todos os olhos, aumentando-o e exagerando-o, ao ponto de provocar a realização de caretas<sup>5</sup>.

A ilustração caricatural apresenta uma particularidade aliciante e extremamente absorvente, vinculada à riqueza e variedade de pormenor, sendo nela encontrados o pitoresco de uma sociedade, as suas grandezas e misérias, constituindo um verdadeiro reflexo dos modos de ver, de ser e de parecer de uma época. Em seu conteúdo, os temas abordados são extremamente ecléticos e vão desde a política aos

---

<sup>3</sup> A respeito da caricatura na cidade do Rio Grande, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 170-243.

<sup>4</sup> BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 63-64.

<sup>5</sup> BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. p. 31.

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

costumes, passando pela sociedade e pela economia<sup>6</sup>. A caricatura constitui uma obra por excelência instintiva, apesar de que a inteligência e a cultura tenham nela igualmente parte preponderante, observando a realidade com a sua lente específica e na sua instantaneidade de criação e execução<sup>7</sup>. Na cidade do Rio Grande, além dos periódicos ilustrado-humorísticos, houve outros espaços voltados à inserção da arte caricatural, de modo que este livro busca abordar dois desses projetos ocorridos nos primórdios do século XX, o *Álbum Ilustrado: caras e caricaturas* e a seção *Caras caricaturadas* publicada no jornal *Artista*.

---

<sup>6</sup> MORAIS, Fernanda Borges Ferreira; MAGALHÃES, Maria Benedita Cabral de & MORAIS, Maria José da Silva. *A caricatura: um recurso educativo nas aulas de História*. Lisboa: Associação de Professores de História, 1996. p. 6.

<sup>7</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 28-29.





# SUMÁRIO

*Álbum Ilustrado: caras e caricaturas / 15*

O projeto de inclusão da arte caricatural nas páginas do diário *Artista*: a seção “Caras caricaturadas” / 81



## *Álbum Ilustrado: caras e caricaturas*

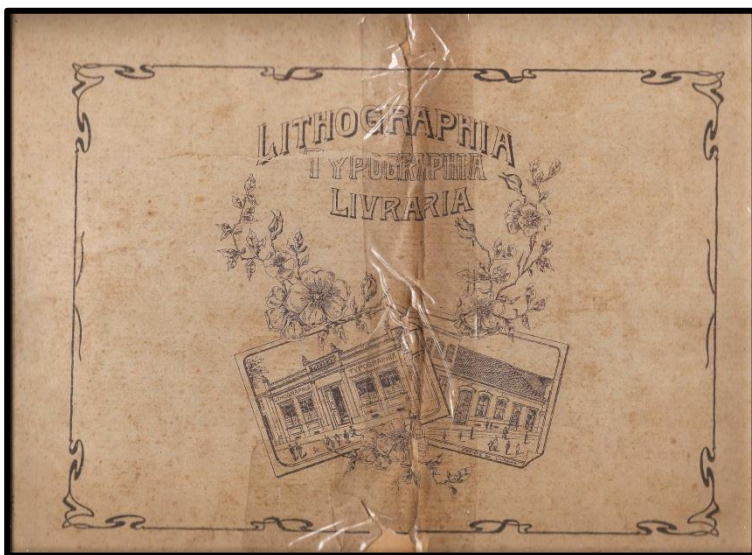
No início do século XX, a cidade do Rio Grande passava por uma fase de evolução socioeconômica, afirmando-se como centro comercial sul-rio-grandense e apresentando progressos também no setor industrial. Ainda havia o histórico problema de acesso marítimo, mas já se davam os indícios da solução definitiva para tais obstáculos, com o encaminhamento do projeto e primórdios das obras que redundariam na edificação dos molhes da Barra e da construção do Porto Novo. A partir de tal processo adveio um aprimoramento cultural, verificado por meio das iniciativas literárias, artísticas e educacionais que se se desencadeavam na urbe portuária. Nesse contexto ocorreu igualmente a continuidade das atividades jornalísticas citadinas, com os diários mais tradicionais dando continuidade à sua circulação, assim como permaneceu a especialização da imprensa, com a publicação de variados gêneros, dentre eles o periodismo ilustrado e humorístico.

Durante as três últimas décadas do século XIX e nos primórdios da centúria seguinte, a caricatura conquistara o público leitor rio-grandino, interessado no espírito crítico-opinativo que acompanhava a produção litográfica/caricatural. Foi o caso da continuidade do semanário *Bisturi*, que teve seu auge entre 1888 e 1893, mas que continuou existindo, ainda que de forma bem mais irregular, até meados dos anos 1910. Foi nesse ambiente que foi lançado o *Álbum Ilustrado: caras e*

*caricaturas*, editado pela Tipografia e Litografia Strauch, no ano de 1904 e realizado pelo caricaturista sul-rio-grandense Alfredo Storni.

Tal *Álbum* trazia à capa, uma ilustração que reproduzia uma das paisagens mais conhecidas da cidade do Rio Grande, com uma imagem a partir da chegada ao cais, na qual aparecia o prédio da Alfândega, um dos mais belos da urbe. A moldura de tal gravura era sustentada por uma dama que tinha à mão o crayon – lápis especial utilizado na arte litográfica e que se tornou verdadeiro símbolo do caricaturista – e também um caderno identificado com a crítica, seiva essencial na prática caricatural. Havia ainda um personagem masculino, com um cigarro ao canto da boca, representando o povo em geral e os ponteciais leitores. Já a contracapa trazia o prédio do escritório, oficina e loja da Strauch, com o anúncio da prestação de serviços vinculados à litografia, tipografia e livraria.

PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



Ao apresentar o *Álbum Ilustrado*, Alfredo Storni dizia estar trazendo ao público um “humilde trabalho artístico, feito em horas de lazeres”, no qual pensava “representar de uma maneira simples e clara os diversos tipos e costumes que formam a sociedade rio-grandense”, por vezes “encarando pelo lado sério” e, em outras, “encarando através da crítica inofensiva”. O caricaturista demarcava ainda que, com tal criação, não sabia se fazia “bem ou mal”, mas “o certo é que, no quotidiano afã da existência atribulada, a humanidade procura amenizar as tristezas de um instante”, de modo a despertar “na alma o sentimento belo, a fonte perene de onde brotam as emoções mais gratas”. Nesse sentido, julgava “ter feito alguma coisa de útil e proveitosa, esperando do favor público um fraternal acolhimento”.

Alfredo Storni nasceu na cidade gaúcha de Santana do Livramento, a 4 de novembro de 1881. Foi um caricaturista político por excelência, com uma verve escorchante e um lápis tantas vezes contundente como um cacete. Chegando à juventude, angariou a reputação de artista regional, vindo a se estabelecer na cidade do Rio Grande, trabalhando no seminário ilustrado de caricaturas denominado *Bisturi*, no ano de 1899. Mais tarde, o desenhista fundou na cidade rio-grandense-do-sul de Santa Maria *O Gafanhoto*, periódico no qual ele atuou como diretor artístico, proprietário e impressor. Dois anos mais tarde, passou a enviar suas criações artísticas para o Rio de Janeiro, a partir de 1906, destinadas à revista carioca *O Malho*, que viria a tornar-

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

se uma das publicações mais populares em seu gênero,  
no âmbito nacional<sup>8</sup>.



- retrato de Alfredo Storni publicado no jornal carioca  
*Dom Casmurro* (5 fev. 1943, a. 7, n. 288, p. 8) -

O ilustrador gaúcho venceu rapidamente no magazine popular fluminense, figurando os seus desenhos no *Malho*, com a nota “do nosso correspondente artístico”. Suas charges agradavam em cheio, pela sem-cerimônia com que o jovem caricaturista

---

<sup>8</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, v. 3, p. 1226-1228.

do sul tratava os figurões, de maneira que, em pouco tempo, o fundador do *Malho* o chamava por telegrama para trabalhar em sua revista como profissional. Lá chegando, passou a fazer caricatura política no *Malho* e a decalcar histórias estrangeiras para *O Tico-Tico*, revista infantil da mesma empresa. Firmou-se definitivamente na série de “críticas” com que a revista comentava, muitas vezes com acerba agressividade, os acontecimentos políticos do momento. Não seguindo a linha da repetição daqueles pasmados grupos de figurões que serviam em monótonos cavacos, de porta-voz aos fuxicos e intrigas dos partidos, Storni movimentava os seus bonecos com uma liberdade de veterano da caricatura, a ponto de ser escolhido imediatamente para ocupar a página de abertura da publicação. Veio a ocupar papel importante no *Malho*, investido nas funções de redator efetivo, figurando regularmente nas páginas centrais em duas cores, até que, em 1908, assumiu um protagonismo na publicação carioca<sup>9</sup>.

Nessa época, o renome de Storni era considerável, com suas charges políticas obtendo ampla repercussão. Além disso, o artista tratava dos assuntos internacionais com maior profundidade e interesse que a grande parte de seus colegas de outras revistas e jornais satíricos. Suas produções caricaturais no *Malho* apresentavam, em um traço marcado, matérias aparentemente áridas para o público brasileiro, mas conseguia tornar popular com seu uso da cor e uma

---

<sup>9</sup> LIMA, 1963, v. 3, p. 1227-1228.



## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

disposição gráfica de grande eficiência<sup>10</sup>. Dessa maneira, contou com um acolhimento público significativo, a partir de sua capacidade inventiva e espírito imaginoso de desenhador<sup>11</sup>.

Storni foi um caricaturista nato, voltado por vocação e pelo próprio traço à sátira política, tornando-se, no seu gênero de atuação, um dos mais notáveis artistas, espalhando suas charges por aproximadamente meio século através da imprensa brasileira. Atuou também no *Filhote da Careta*, sob o pseudônimo de Bluff, tendo em vista as questões contratuais que o prendiam ao *Malho*. Além das charges humorísticas de fundo político, seus desenhos críticos destinaram-se também à análise dos usos e costumes. Na publicação infantil *O Tico-Tico* criou um inesquecível tipo popular denominado Zé Macaco, descrevendo através das “aventuras” do personagem determinadas facetas da sociedade brasileira. Ainda durante seu trabalho no *Malho*, ocupou o cargo de cartógrafo no Ministério da Guerra. A partir de 1917, colaborou fartamente com outra revista ilustrada e humorística carioca, o *Dom Quixote*. Em 1922, passou a atuar na *Careta*, marcando, com o vigor do seu traço, a larga popularidade deste vibrante magazine<sup>12</sup>, chegando a permanecer por quatorze anos na direção da revista<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> LAGO, Pedro Corrêa do. *Caricaturistas brasileiros (1836-1999)*. Rio de Janeiro: GMT Editores, 1999. p. 92.

<sup>11</sup> GILL, Ruben. O século boêmio – Storni. In: *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1943, a. 7, n. 288, p. 8.

<sup>12</sup> LIMA, 1963, v. 3, p. 1230, 1232, 1234, 1235.

<sup>13</sup> LAGO, 1999. p. 92.

O caricaturista sul-rio-grandense não chegou a se mostrar influenciado por outro qualquer dos mestres da sua arte. Com um traço largo e incisivo, em caligrafia muitas vezes violenta e não raro quase brutal na fixação de certos estigmas fisionômicos de suas vítimas prediletas, sua personalidade firmou-se em uma independência absoluta, quer nas composições políticas, quer nas sátiras aos costumes e mesmo em suas histórias infantis. Ainda que retirado em sítio que adquiriu em Niterói, Storni manteve por vários anos uma assídua e viva colaboração com o jornal carioca *Correio da Noite*, permanecendo fiel ao seu espírito *frondeur* de ridículos sociais e de artilheiro político de primeira linha<sup>14</sup>. Alfredo Storni faleceu no Rio de Janeiro, no ano de 1966<sup>15</sup>.

À abertura do *Álbum*, Storni deu preferência ao mundo cultural e literário rio-grandino, destacando algumas das personalidades que atuavam nas letras citadinas. O segmento anunciava os “poetas e literatos”, trazendo uma figura que empunhava a lira poética, além dos livros, caderno de anotações e a pena, que representavam as lides dos escritores. Aparecia uma faixa com alguns dos nomes da literatura rio-grandina em 1904. Um deles era Alfredo Ferreira Rodrigues, escritor rio-grandino com vasta obra, publicando livros e artigos, tendo preferência pela Revolução Farroupilha como temática de estudo, e que também coordenou a edição do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande*

---

<sup>14</sup> LIMA, 1963, v. 3, p. 1236-1237.

<sup>15</sup> LAGO, 1999. p. 92.

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

do Sul<sup>16</sup>. Outro era Francisco de Paula Pires, poeta, jornalista, contista e cronista pelotense, que publicou vários livros e artigos em jornais<sup>17</sup>. Ainda fazia parte da relação o militar e poeta rio-grandino Érico Santos, cuja carreira esteve vinculada à publicação de um livro<sup>18</sup>. A lista era composta ainda por Antônio Salles e o pseudônimo Ticho Brahe.

Ainda na página destinada aos “Poetas e literatos”, houve destaque especial para intelectuais que tiveram registrados os seus retratos. Apareciam as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, apresentadas como “glórias rio-grandenses”, a primeira porto-alegrense de nascimento, mas tendo vivido praticamente toda a sua vida no Rio Grande e a segunda, rio-grandina, que publicaram vários livros e tiveram papel essencial na imprensa feminina gaúcha, com a publicação da *Violeta*, uma das precursoras no periodismo feminil sul-rio-grandense e *Corimbo*, uma das mais longevas publicações femininas brasileiras<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> ALVES, Francisco das Neves. Fazendo história no Rio Grande do Sul à virada do século XIX ao XX: o trabalho de Alfredo Ferreira Rodrigues. *Historiae: Revista de História da Universidade Federal do Rio Grande*, v.2, p.9-24, 2011.

<sup>17</sup> MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 444-445.; e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 383.

<sup>18</sup> MARTINS, 1978. p. 525.; e VILLAS-BÔAS, 1974. p. 461.

<sup>19</sup> ALVES, Francisco das Neves. As irmãs Melo e o cerceamento do republicanismo à liberdade de expressão. In: ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa, literatura e anticastilhismo em meio à intelectualidade gaúcha: três estudos de*

Também era publicado o retrato de Mário de Artagão, poeta e jornalista rio-grandino que teve uma larga carreira literária, publicando diversos livros, e jornalística, com a edição de centenas de artigos em periódicos, foi um liberal que defendeu ardorosamente a forma de governo monárquica e sua carreira desenvolveu-se no âmbito brasileiro e português<sup>20</sup>. Outro escritor citado iconograficamente foi Alcides Lopes Miller, advogado, poeta e jornalista rio-grandino que publicou dois livros de versos, ensaios e artigos de jornal<sup>21</sup>. Ferreira de Campos complementava os registros iconográficos.

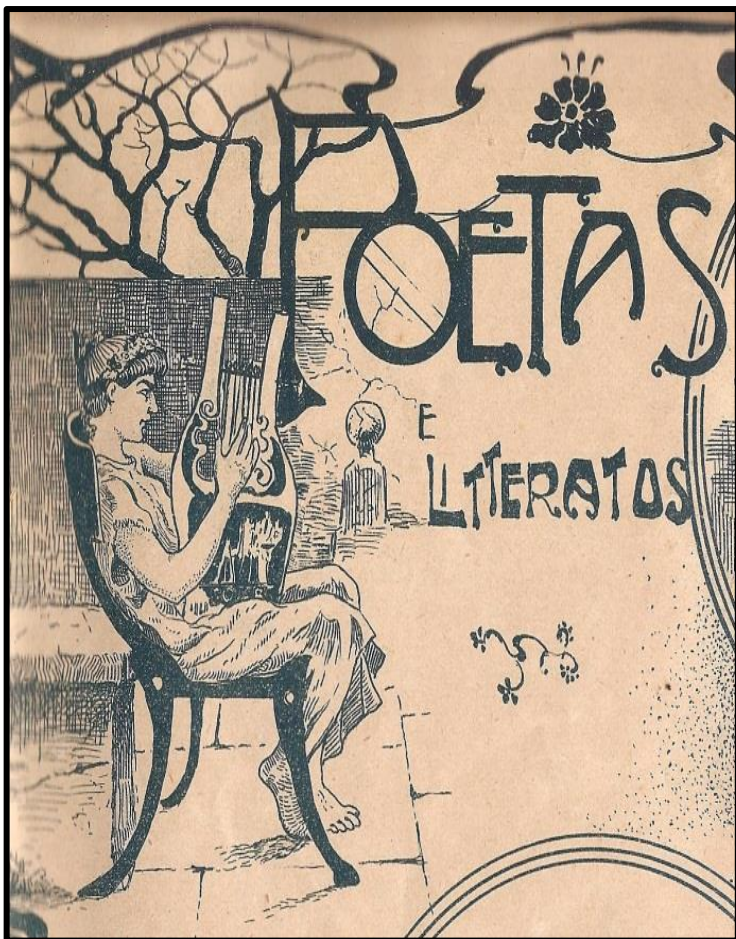
---

caso. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2018. p. 62-64.

<sup>20</sup> ALVES, Francisco das Neves. *A convicção através da pena: a obra jornalística e literária do escritor Mario de Artagão no âmbito brasileiro-lusitano*. Lisboa: CLEPUL, 2016.

<sup>21</sup> MARTINS, 1978. p. 368-369.; e VILLAS-BÔAS, 1974. p. 319.

PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX







PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



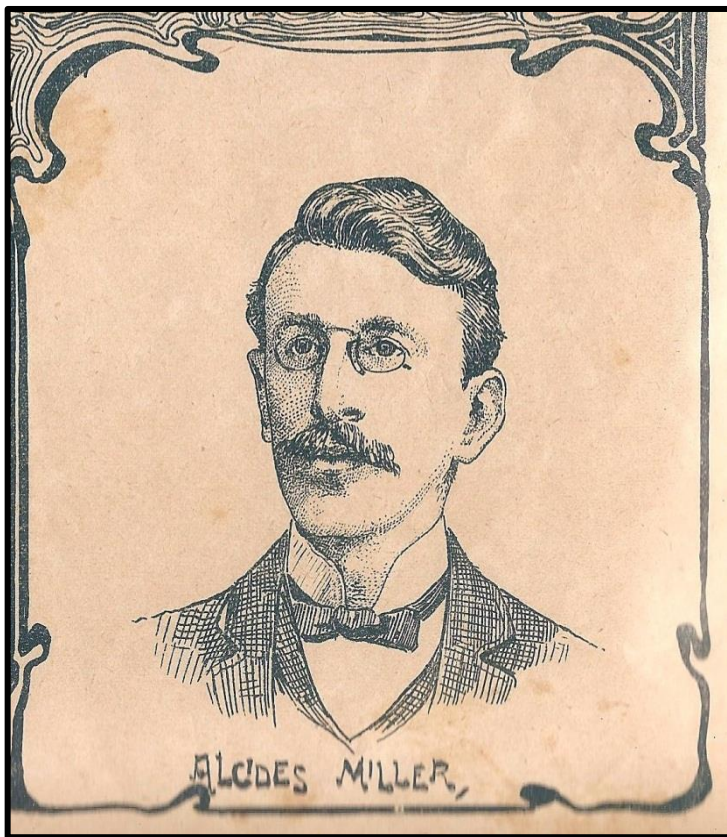




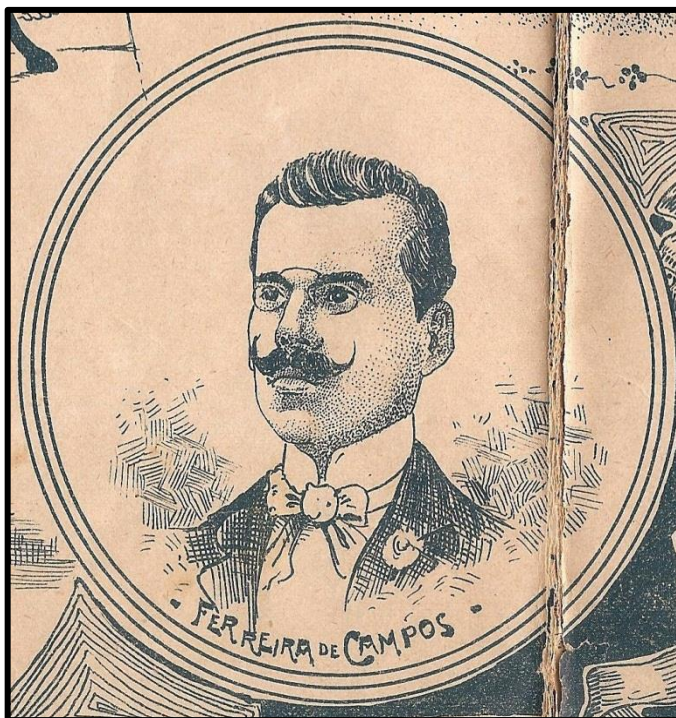
PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



Em seguida, Storni passou a abordar a “Vida gaúcha”, trazendo algumas das realidades da denominada lida campeira dos sulinos, refletindo uma realidade rural e vinculada às atividades pecuárias, bem mais típicas da região de nascimento do caricaturista, do que propriamente da cidade do Rio Grande. Por ser natural da fronteira gaúcha, cuja principal atividade econômica era a criação de gado, nas primeiras composições de Storni predominaram as figuras equestres, que foram quase obrigatórias<sup>22</sup>. Nessa linha, trazia a imagem do gaúcho pilchado, em sua montaria, conhecida como pingo, normalmente contando com um certo luxo na disposição dos arreios, formando a figura do propalado “centauro dos pampas”, ou como denominou o desenhista, o “tipo de gaúcho ‘rio-grandense’”. Completavam o conjunto iconográfico a rústica vida nos campos, o uso do laço, a correria de cavalos e a preparação do churrasco.

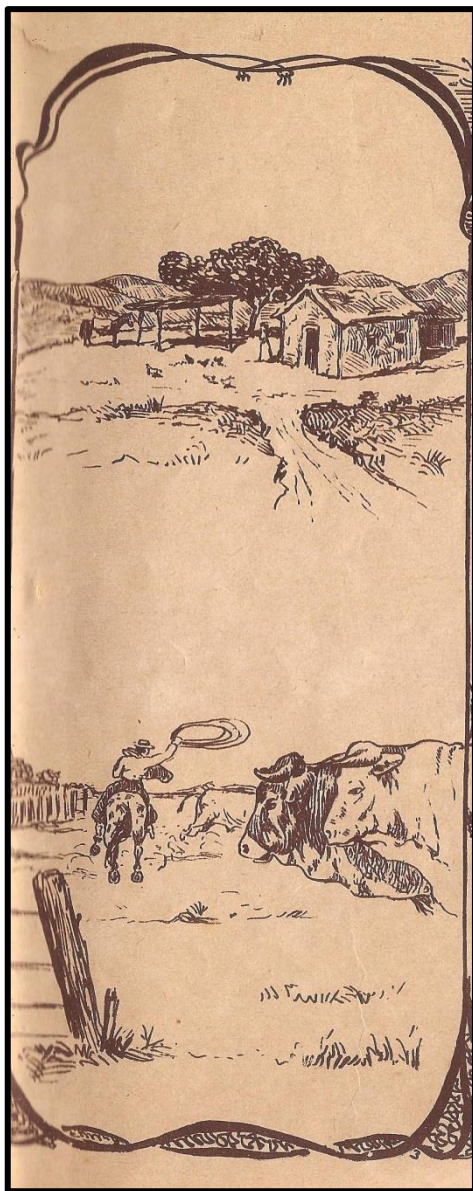
---

<sup>22</sup> LIMA, 1963, v. 3, p. 1226.

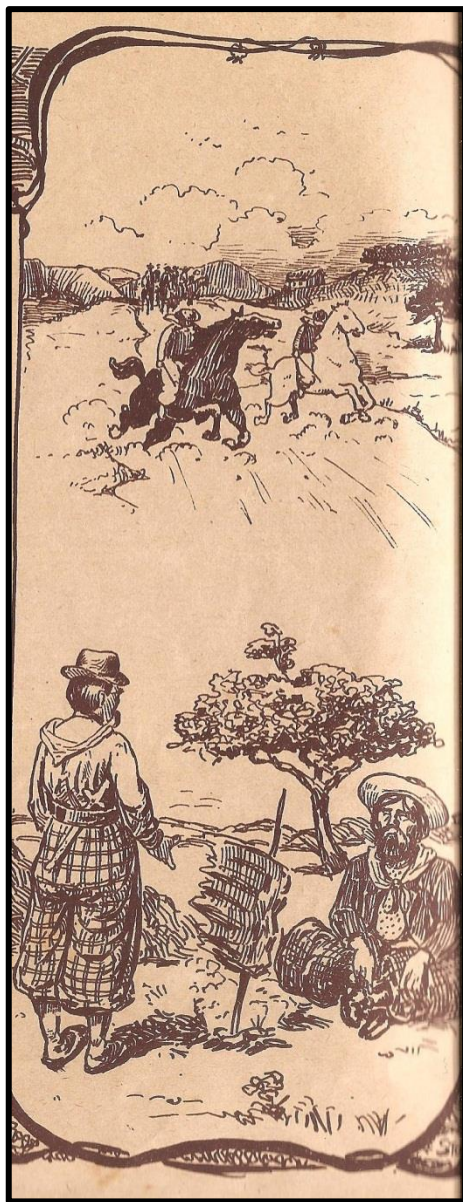


PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX





PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX





O próximo tópico que o desenho de Storni abordou foi acerca dos “Traços fisionômicos de pessoas conhecidas”, revelando as feições de alguns dos habitantes do Rio Grande daquela virada de século, com rostos que seriam facilmente identificáveis pela população rio-grandina de então, mas que os registros iconográficos ficariam desvanecidos ao longo do tempo. Alguns deles poderiam ter suas identidades demarcadas a partir de certos objetos que lhes acompanhavam, como foi o caso daqueles com alguma identificação com certos periódicos locais.

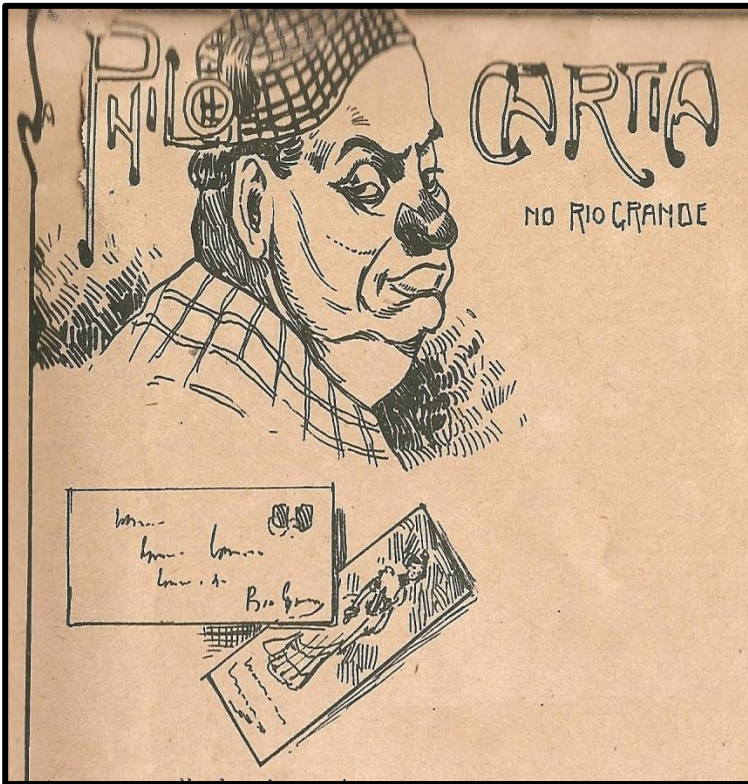




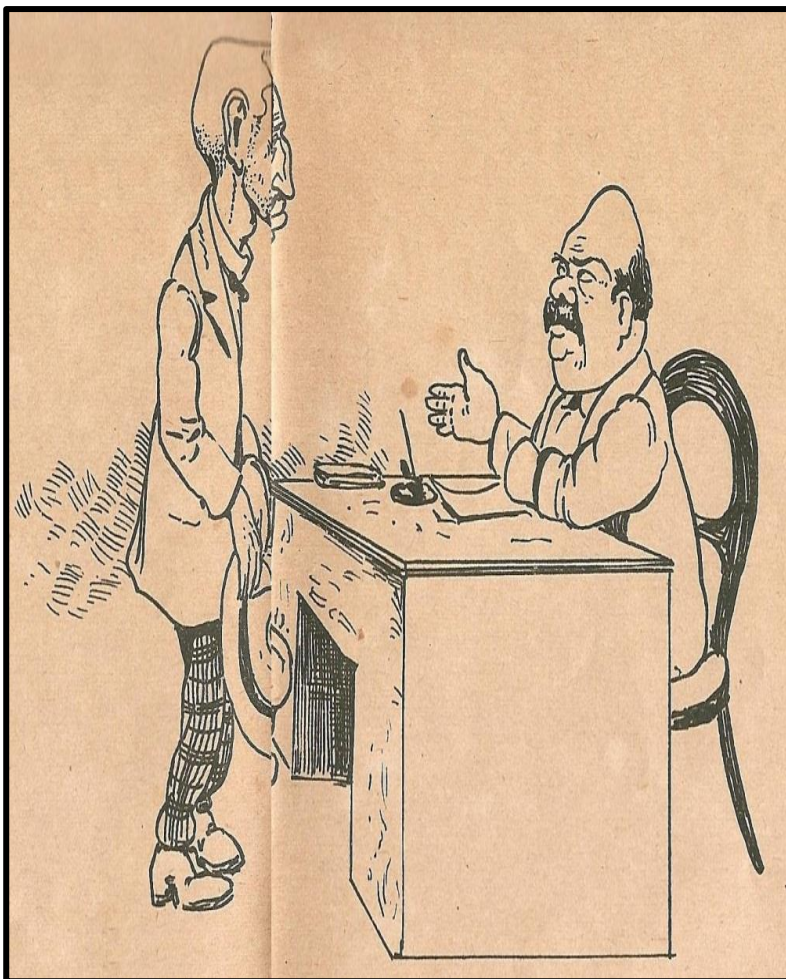
## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

Uma certa mania de manter coleções de cartões postais, que parecia se impregnar em meio à comunidade rio-grandina, foi abordada por Storni em *"Filocartia no Rio Grande"*. Mostrando um homem próximo aos tais cartões, o caricaturista conjecturava que "a febre dos cartões postais com intensidade tem-se espalhado nesta cidade", proporcionando "quotidianamente diálogos e fatos interessantes dignos de nota". Nesse quadro um homem recebia em seu escritório um candidato a emprego, o qual se manifestava dizendo: "Desejaria que V. S. me desse uma colocação nas oficinas da fábrica"; diante do que o outro questionava: "Quais são as suas habilitações?"; ao que o primeiro respondia simplesmente: "Coleciono postais". Em outra cena, um homem cortejava uma mulher que se encontrava à janela, falando ele: "Permita V. Ex. que, extasiado, contemple as suas formas sedutoras, o seus olhos aveludados, a sua boca..."; mas é interrompido por ela, que corta as possibilidades de continuidade dos galanteios: "*Tá bom, seu Cazuza, mande-me dizer isso amanhã, num cartão postal*". Também na conversa entre marido e mulher os cartões se faziam presentes, com a esposa pedindo: "Poderias dar-me mais 300 réis para comprar um postal", de modo a "responder ao vizinho o pensamento que me enviou e que dizia assim: *A mulher é como a fruta, madura demais não presta*". O diálogo entre dois homens também versava sobre o tema em pauta, perguntando um deles: "Então, que quer dizer isso Muquirana, nesse *sebo* e com um ar tão compungido?"; obtendo por resposta: "São coisas, estou vendo se logro impingir o meu álbum de postais que tantos sacrifícios me custou". Apareceu ainda uma conversa entre uma figura feminina e uma masculina, com as falas

demarcadas por certo sotaque, com ela reclamando: “Ora seu Bastião, você me mandou um cartão que trazia pintada uma boneca com as pernas de fora! Isso não se faz, eu sou fãmia!”; respondendo ele: “Mas você não sabe que agora é moda!...”; e obtendo por tréplica: “Uè xentes, vá saindo com essas moda!...”.



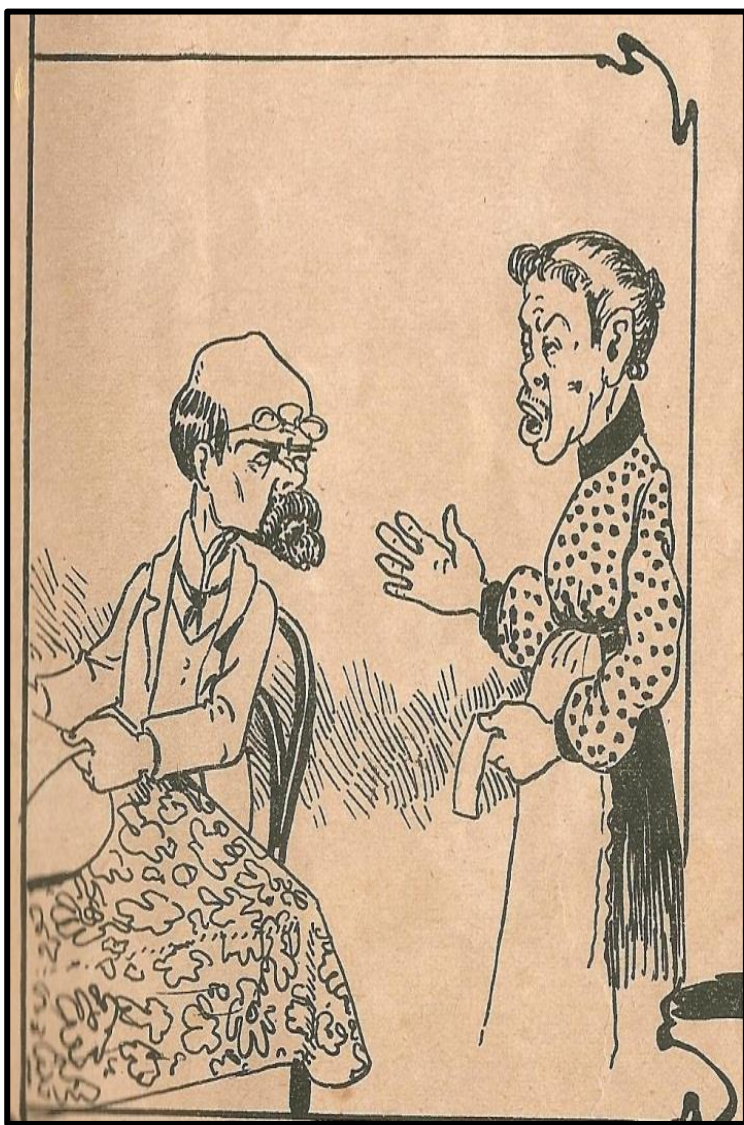
PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

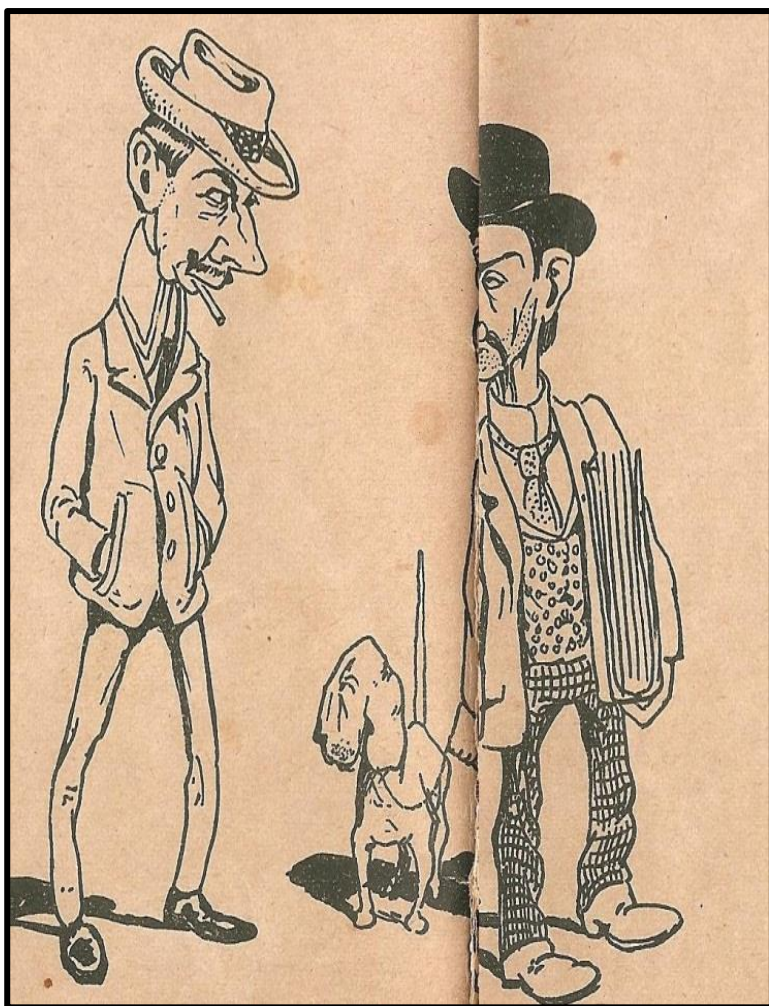






PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX





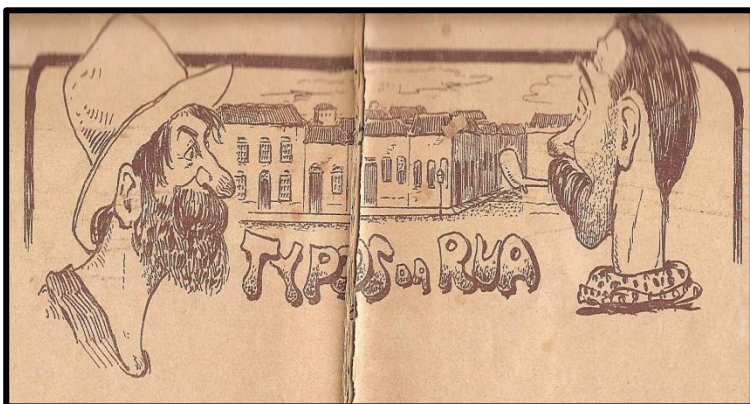
PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



Outros elementos constitutivos observados por Alfredo Storni e apresentados a partir de sua arte caricatural foram os “Tipos da Rua”. As representações do povo brasileiro foram recorrentes em meio aos caricaturistas, passando pela figura do indígena, do Zé Povinho, do Jeca, entre outras criações imagéticas. Para Storni tal povo aparecia como uma conformação gráfica do grande público, o melhor eloquente, aquele a espelhar definitivamente a psicologia das populações na



sua simplicidade crédula<sup>23</sup>. Durante sua permanência no Rio Grande, o caricaturista conviveu com alguns desses “tipos” que transitavam pelas ruas e, sem necessariamente cristalizar a figura do “povinho”, retratou alguns daqueles que frequentavam os passeios municipais e lhe chamaram atenção, como vendedores, doidos e antigos escravos.



Nessa linha, entre os “Tipos da rua”, surgia o “Mané das balas”, um negro com barba espessa, que trajava suas roupas domingueiras e carregava uma bandeja com o produto que pretendia vender e integrava o seu apelido. Aparecia também “A caprichosa”, uma mulher que cumprimentava alguém, mas cujo rosto estava voltado para o lado oposto, aparecendo inclusive uma “nota do autor” dizendo “é pena estar de costas, porque está bem parecida”, ficando nas entrelinhas que

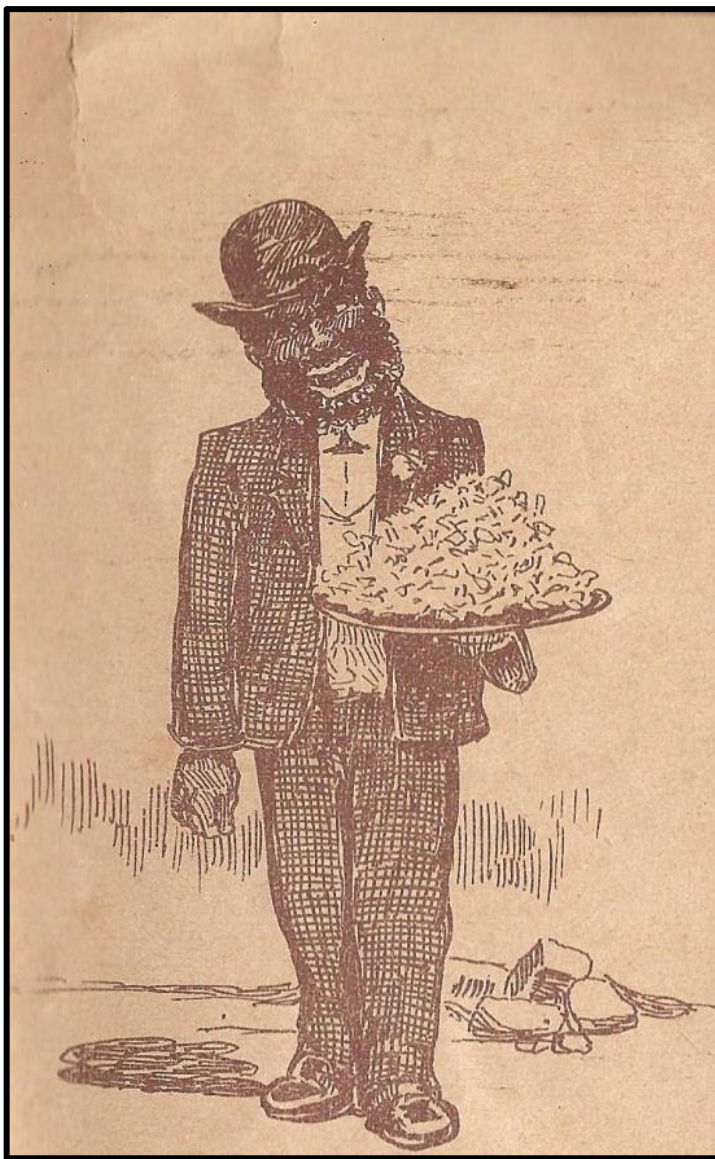
---

<sup>23</sup> GILL, 1943, p. 8.



## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

preferira não mostrar a face da personagem, provavelmente por questões envolvendo a aparência. Dois negros envelhecidos, denominados de “Pretos Minas”, conversavam entre si, continuando a mulher a trabalhar, com ocupação bem próxima daquela que executava à época da escravidão. Também figuraram “Os irmãos tampinhas”, um deles tocando uma flauta à porta de um estabelecimento, revelando um comportamento extravagante ou próximo daqueles que perderam o juízo. Já o “Gersão” era um negro descalço que distribuía panfletos. Havia ainda um personagem não identificado, tratando-se de indivíduo vestido como o tradicional gaúcho campeiro, preferindo o desenhista deixá-lo incógnito, apenas com a legenda “Quem será?”.



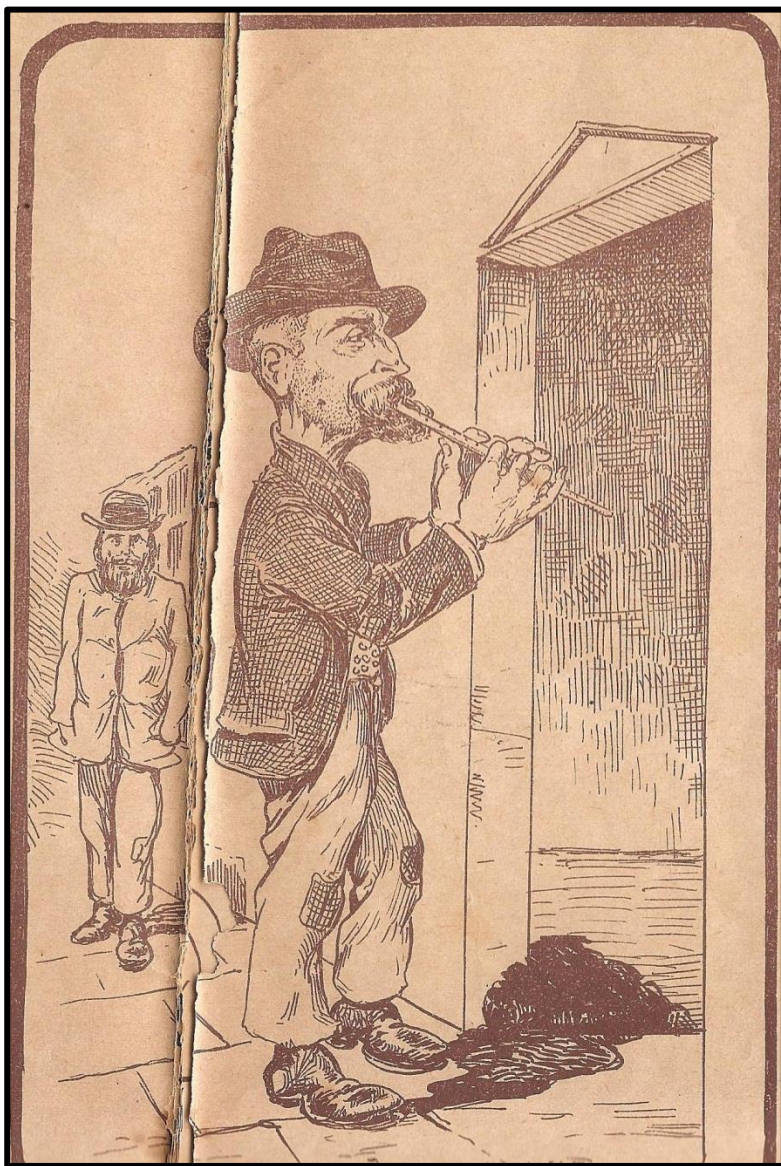
PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

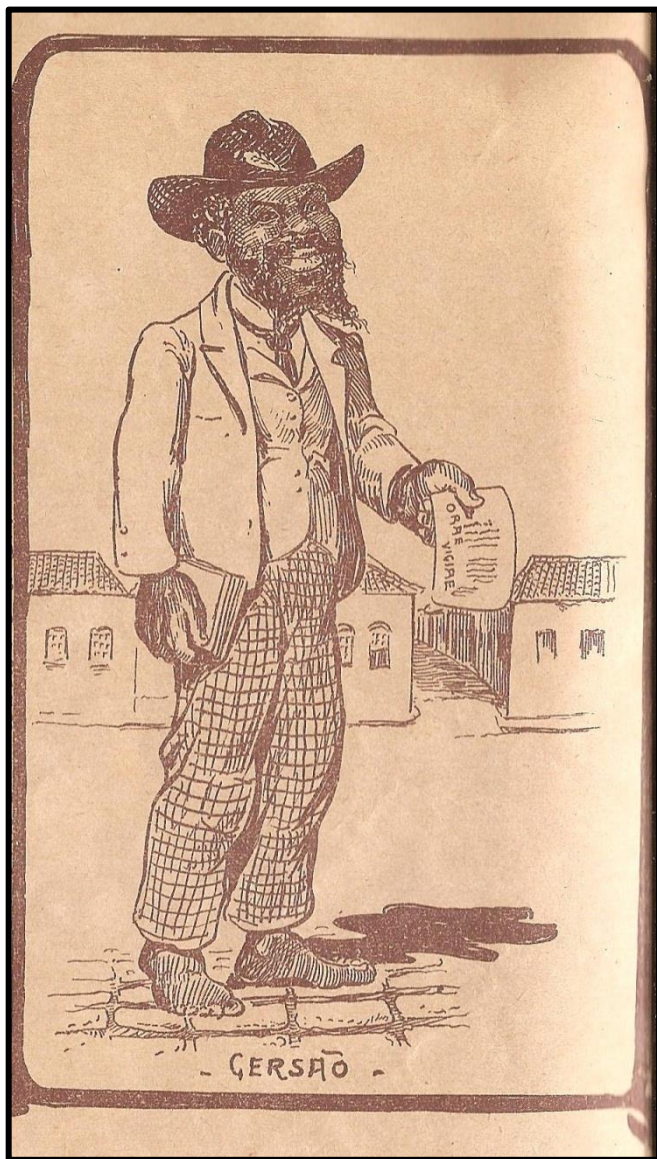




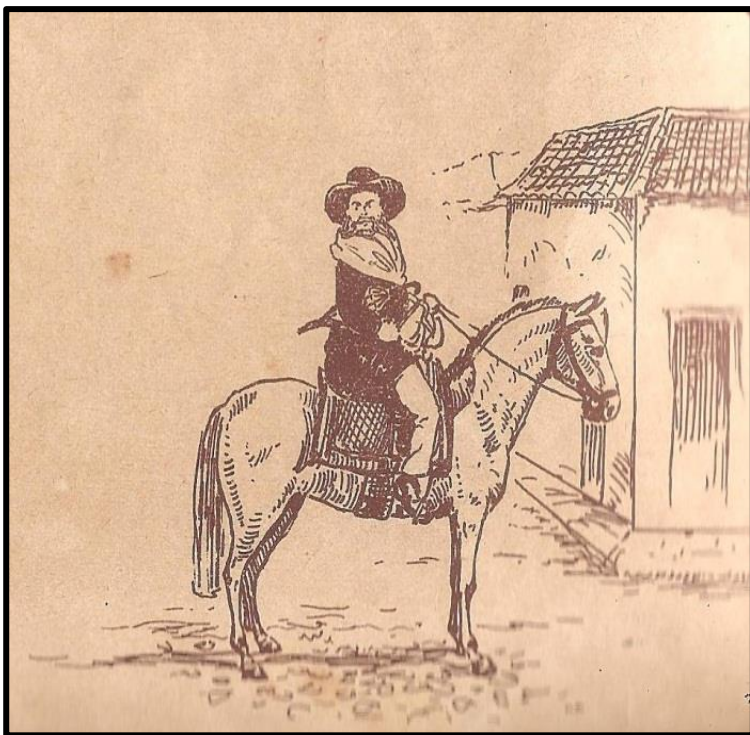


PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX





## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



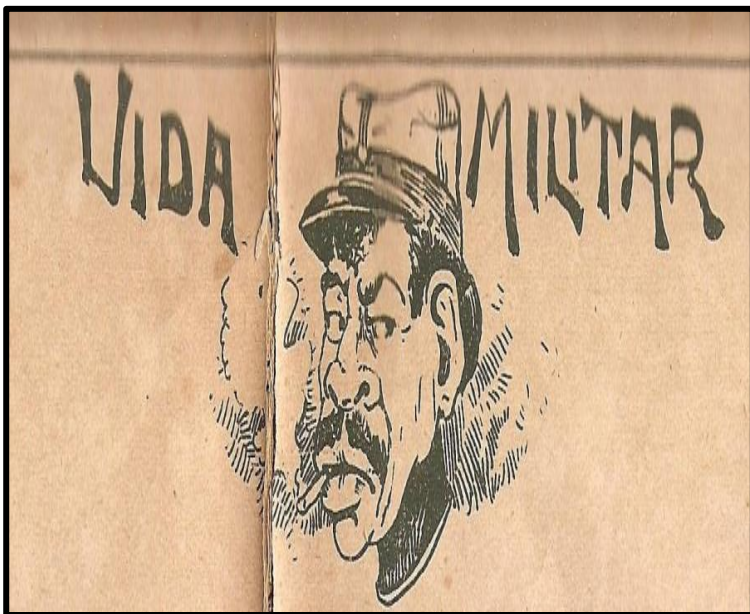
Ainda que passada praticamente uma década do encerramento da guerra civil que tomou conta do Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895, com a Revolução Federalista, as paixões e ódios político-partidários que levaram ao conflito não foram aplacados. A cidade do Rio Grande, como ponto estratégico do Estado, por constituir seu único porto marítimo, tornava-se uma localidade que carecia de ampla defesa, daí a presença militar ser uma constante. Isso despertou a atenção de Storni, que nascera na zona fronteiriça, por si só também

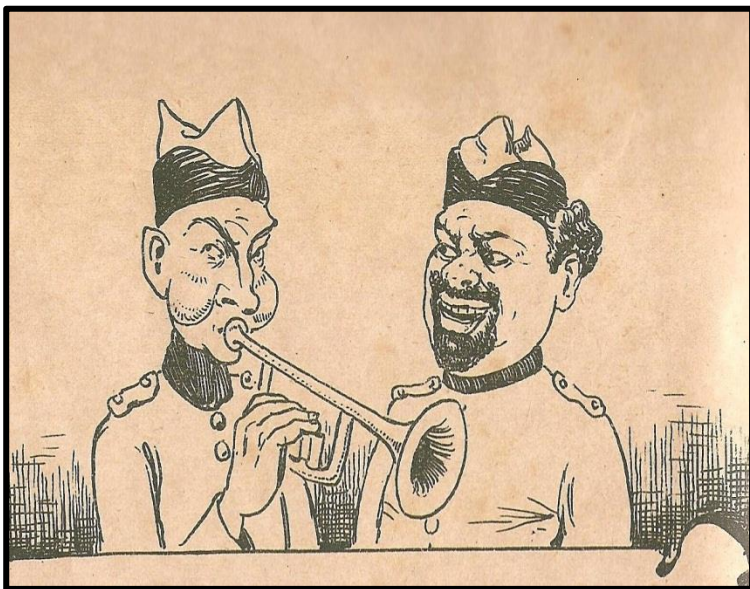
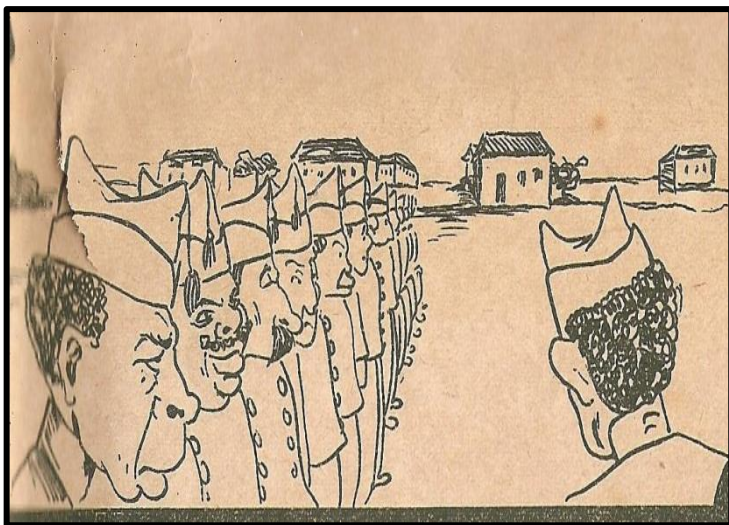
acostumada às vivências castrenses, tanto que ele apresentou no *Álbum* um segmento denominado “Vida militar”, cujo título já trazia um militar fumando e, portanto, não tão coadunado com a postura normalmente esperada daqueles que estivessem em serviço, bem de acordo com o gracejo que a arte caricatural trazia consigo. No mesmo quadro aparecia uma tropa perfilada, passando por inspeção e um corneteiro em plena execução de suas funções, sob a supervisão de um superior. A respeito do tema, o caricaturista explicava que seus desenhos tratavam dos “tipos e grupos característicos que se encontram nas imediações do quartel”, texto acompanhado pela presença de dois membros da cavalaria. Em uma das cenas dois militares conversavam sobre as questões de fronteira com as quais o Brasil vinha se envolvendo, mais especificamente no norte do país, com a busca pela conquista do Acre, na região amazônica e fronteira com a Bolívia e com o Peru, havendo inclusive o deslocamento de tropas naquela direção. Nesse quadro, o primeiro perguntava qual o sentido de todos aqueles enfrentamentos: “Que diz a isto, Peri, ontem ao Acre, hoje ao Peru, amanhã ao inferno, qual é o resultado, que nós, fieis servidores da pátria, tiramos dessas *questões*?”; ao que o outro respondia com jocosidade, ao dizer que aquilo que seria adquirido seriam exatamente as doenças daquelas terras: “Ora, Malaquias, pois não vês? Beribéri, febres palustres, amarela e outras tantas calamidades”. A visita da sogra e da esposa a um soldado também foi retratada, com a utilização de um sotaque que refletia na composição das palavras, havendo uma cobrança da primeira quanto à saúde da filha, obtendo por resposta algo que refletia a violência contra a mulher. Desse



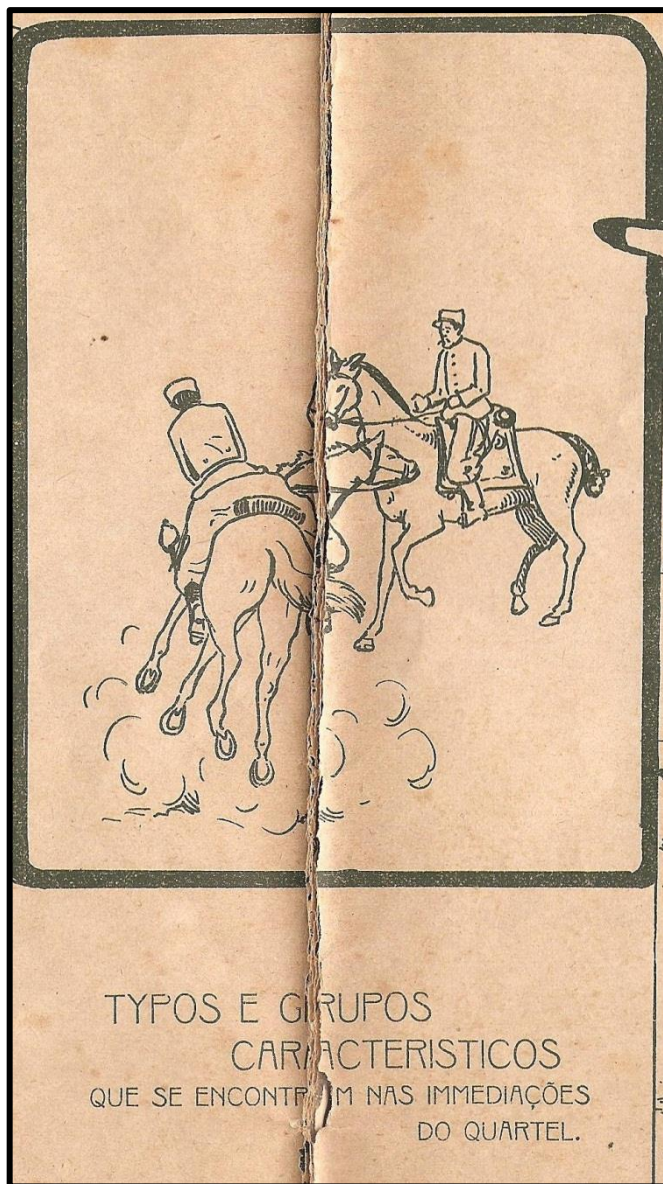
## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

modo, a sogra dizia: “Você *precisa dá uma ditriminação*, seu João, a rapariga tá ficando *tísica*, não só isso, *afetada os pormons* e... *trobecolosa*, como diz o *Dotor*”; restringindo-se o militar a responder: “*Não aleje, sai Miguelina*, é impossível que duas dosas de pau todos os dias a ponham nesse estado!”.





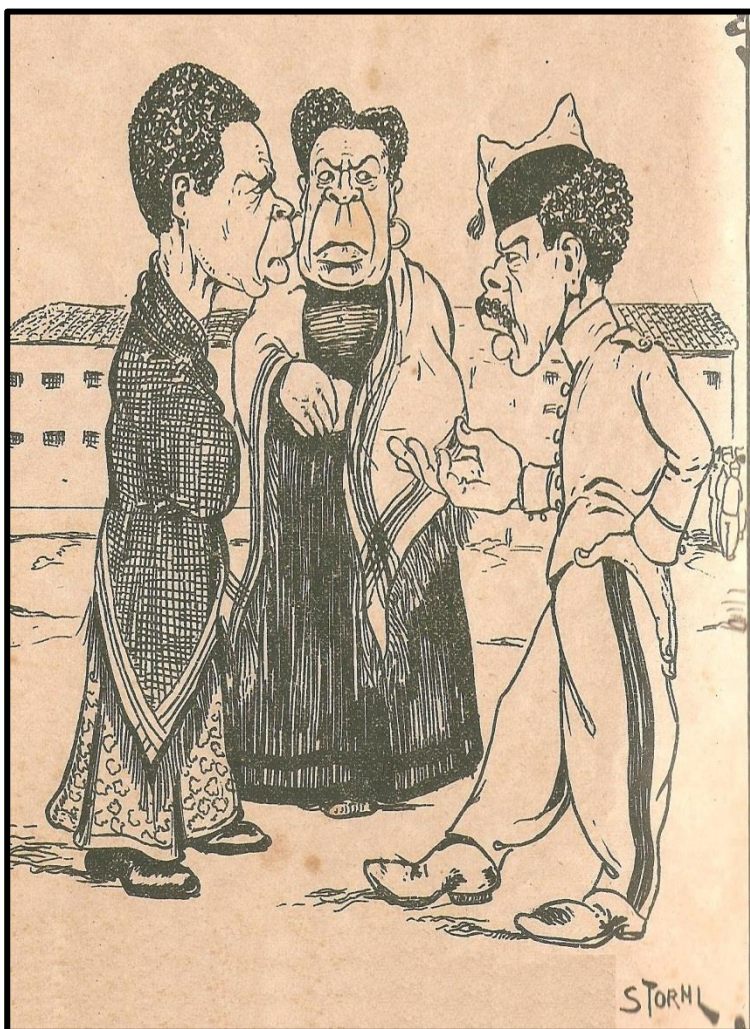
PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX







PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



O movimento das ruas não foi apresentado apenas por elementos populares, havendo um “instantâneo na porta do Café América”, que trazia dois indivíduos integrantes da elite rio-grandina, identificados apenas como “duas figuras indispensáveis para o complemento de uma boa orquestra”. Na mesma página, o caricaturista apresentava vários esboços de frequentadores dos logradouros públicos citadinos, aparecendo por legenda apenas a palavra “silhuetas”. Bem de acordo com suas preferências por abordar a política internacional, Alfredo Storni trazia a sua representação acerca da Guerra Russo-Nipônica, transcorrida entre 1904 e 1905 e que refletia as disputas imperialistas no Extremo Oriente, com o enfrentamento entre o ascendente imperialismo japonês e seu projeto de conquistas na região, e o Império Czarista Russo e sua tentativa de manter as zonas que serviriam como salvaguarda de suas possessões orientais. A derrota russa levou à afirmação do imperialismo nipônico e ao aprofundamento da crise russa, inclusive com o espocar da revolta em 1905. A gravura trazia um soldado japonês, de arma em punho, forçando uma porta defendida com dificuldades pelo czar. Na legenda, o desenhista explicava: “mais um pequeno esforço e o Japão entra... em Porto Arthur”, em referência ao estabelecimento portuário em território coreano, que estava nas mãos dos russos e foi o ponto inicial da invasão japonesa, após um período de cerco nipônico e resistência russa.



PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



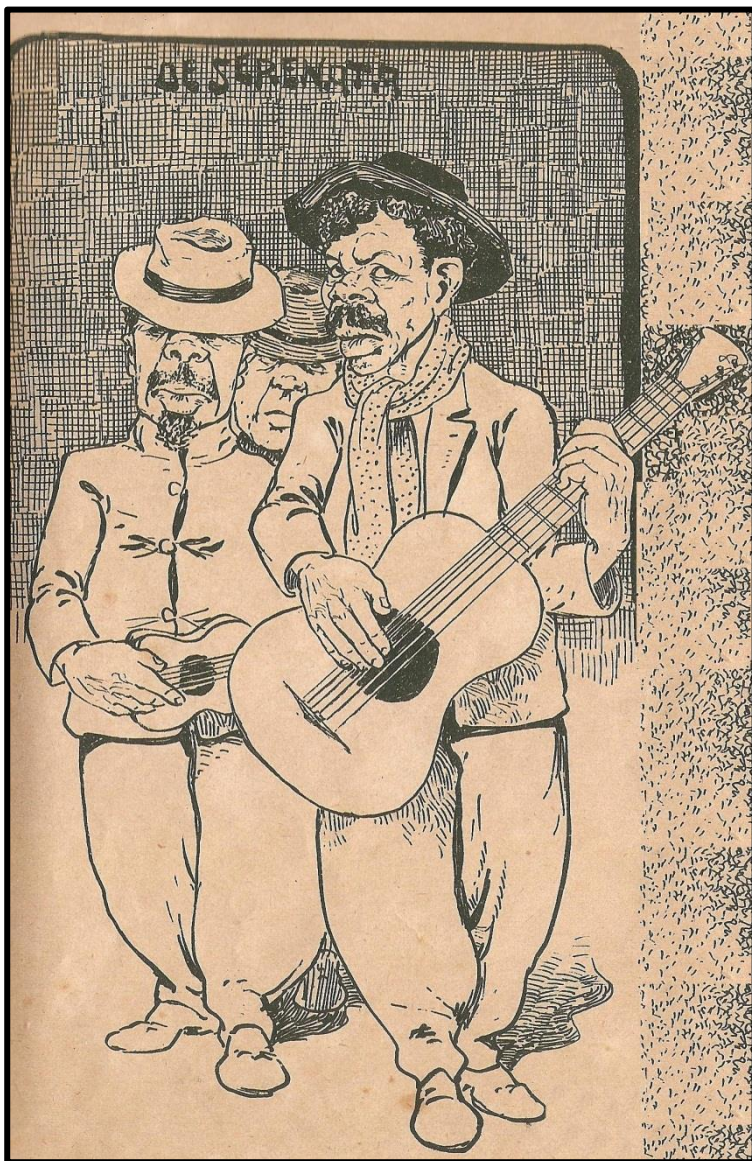


## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

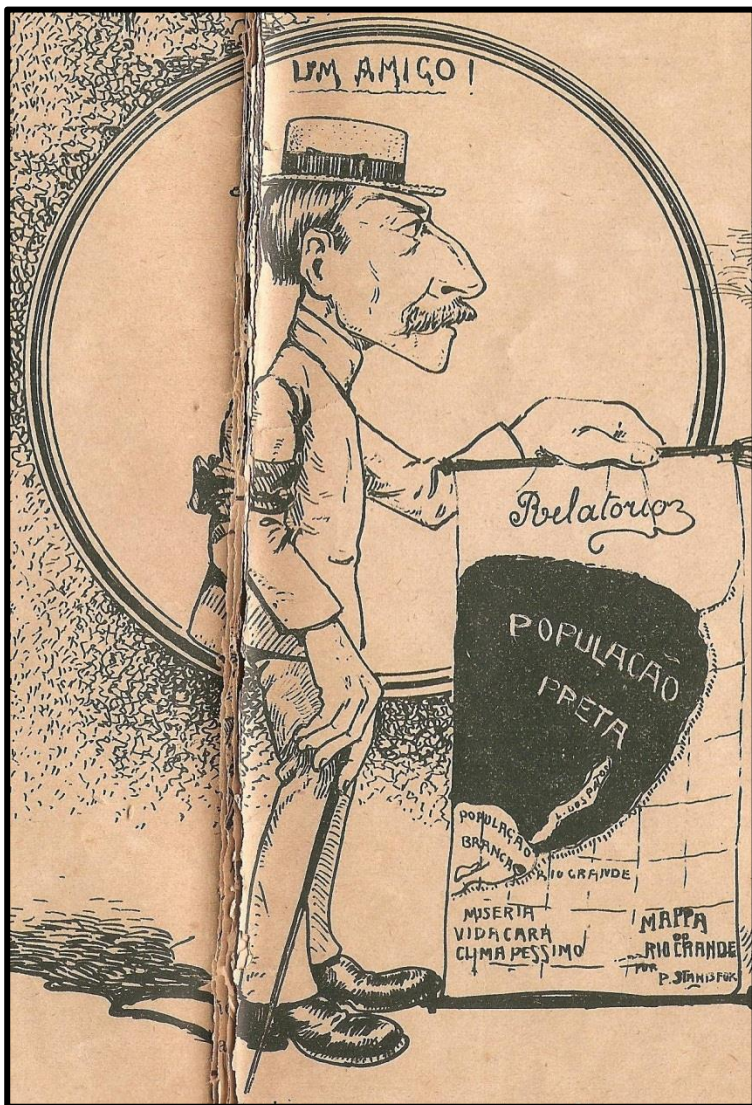
Algumas vivências cotidianas da urbe portuária também foram retratadas por Storni na parte intitulada “Mesa revolta”, identificada por dois habitantes citadinos que andavam pelas ruas. Em tal segmento apareciam três homens, em cantoria, acompanhados por instrumentos de corda. Sob o título “De serenata”, o líder do grupo ordenava: “Rapaziada, entra agora: – *Sonhei contigo, donzela...*”. O caricaturista realizava a crítica social ao mostrar um indivíduo, identificado como “um amigo”, que apresentava um relatório com a capa trazendo um esboço de um “Mapa do Rio Grande”, identificando a predominância da “população preta” em relação à “população branca”, além de apontar algumas das mazelas e intempéries que afetavam a localidade, com a presença das palavras “miséria”, “vida cara” e “clima péssimo”. Com ironia, o desenhista apresentava duas figuras desprovidas de beleza, ela, com um exemplar do jornal citadino *Artista*, a dizer: “Consola-te, meu querido *Chapéu de cobra*, eu também fui contemplada com dois votos no concurso de beleza organizado pelo *Artista!*”. Mantendo o cenário “na rua”, havia uma referência ao jogo do bicho, rotineiro na vida brasileira, apesar de ilegal, em um quadro pelo qual um policial conversava com o passador do jogo, perguntando “Qual foi o bicho, hoje?”; obtendo por resposta “O rato”; para em seguida receber voz de prisão: “*Tá preso, por bicheiro!...*”.



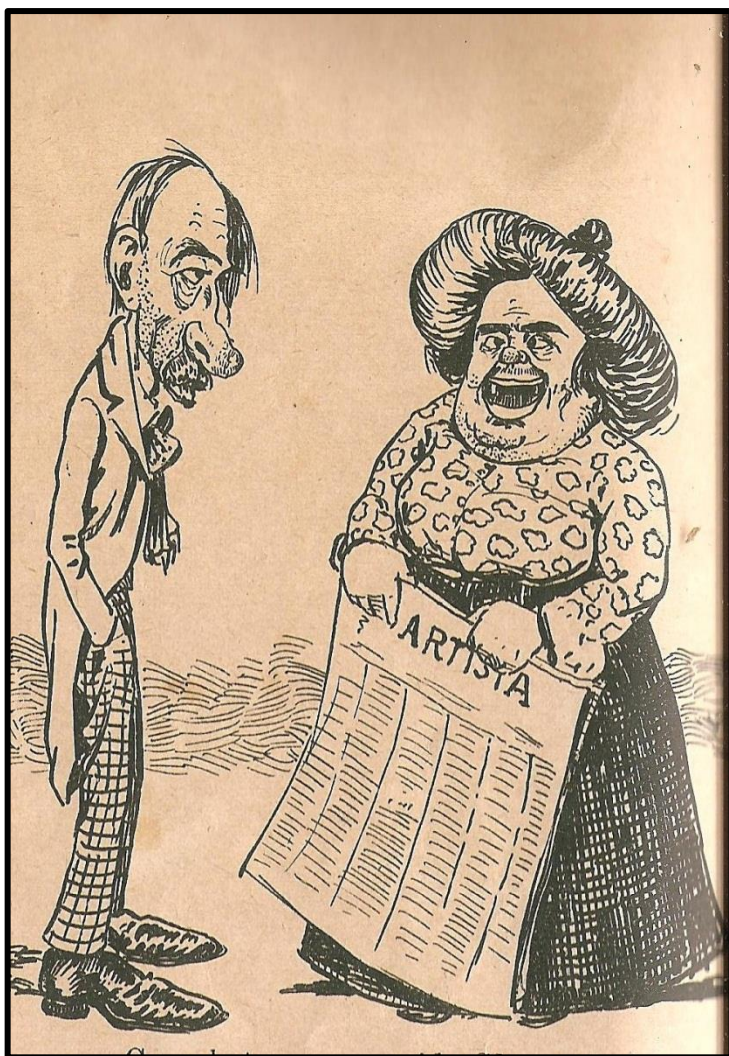
PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

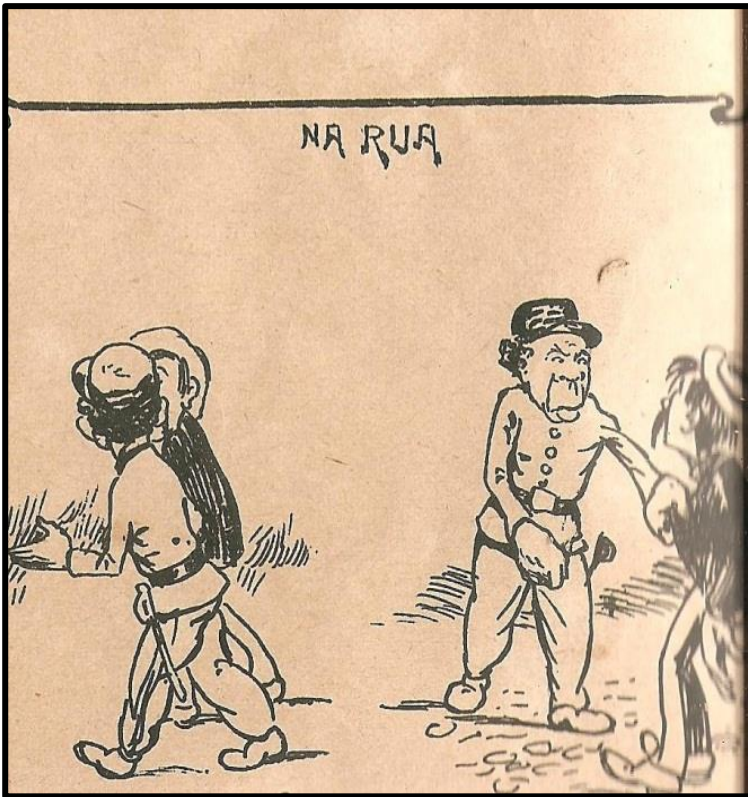






PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX





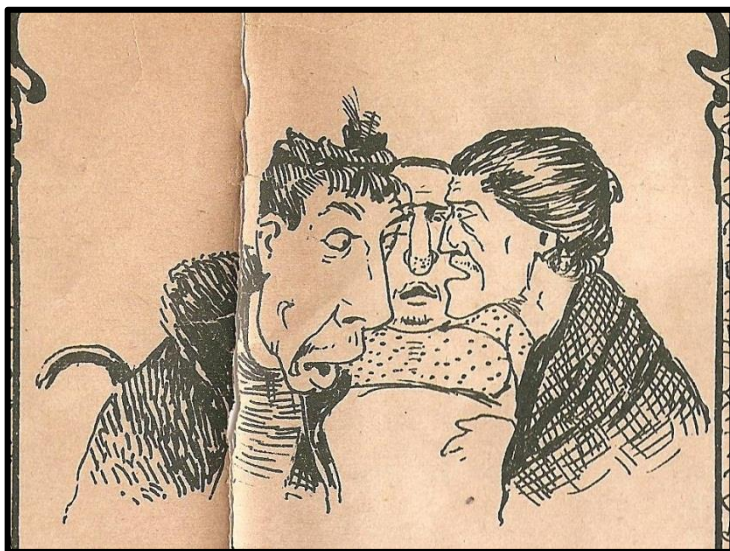
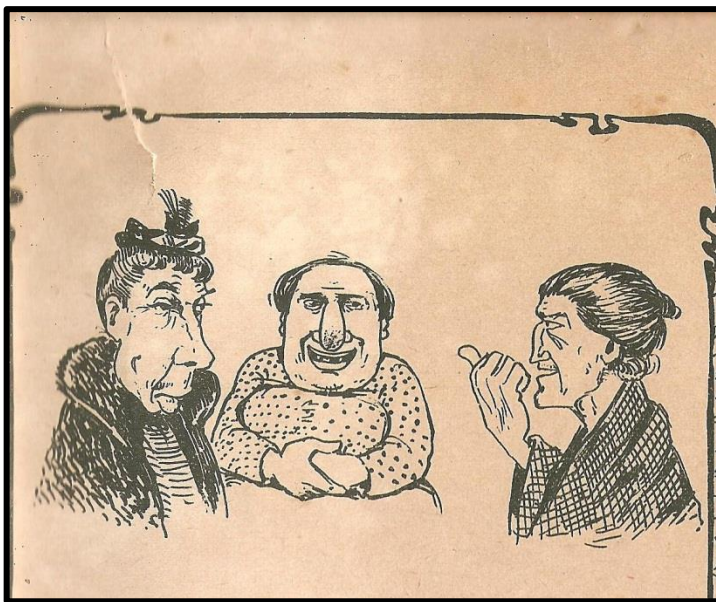
As propagadoras de fofocas foram outras protagonistas dos desenhos de Storni, que as apresentou como “As línguas de prata”, denominação acompanhada por uma tesoura, em alusão à ideia de coibir a ação das bisbilhoteiras. A conversa era travada entre três mulheres. No primeiro quadro, uma delas dizia: “Não é por falar mal, D. Leocádia, mas a Joana, que todos conhecem, com aquela parte de santa, encobre os *podres* que não são poucos”. Elas falavam da vida amorosa de



## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

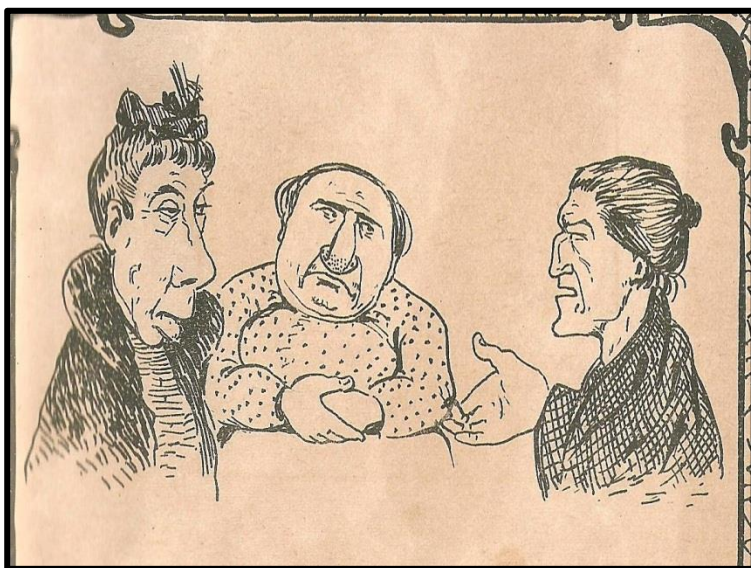
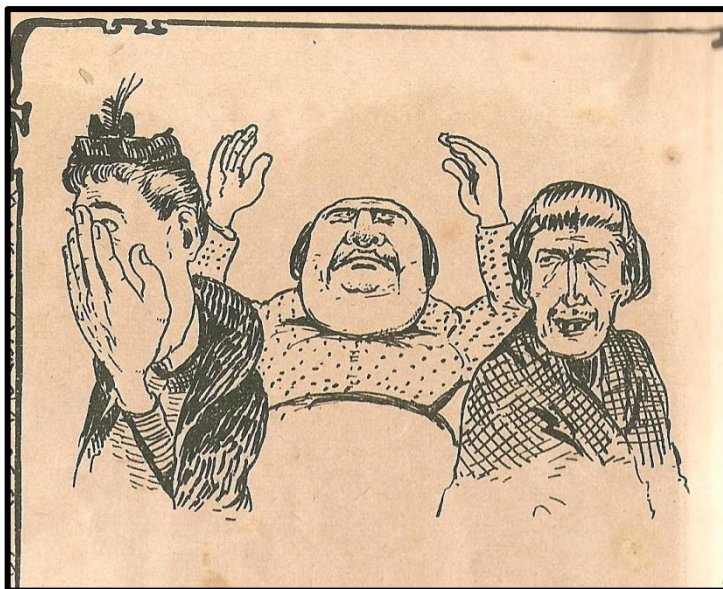
seu alvo, considerada como indevida: “Pois, ela de noite... – Com o Cazuza? – Com ele, com o galego da venda, o Zé Magro e meia dúzia mais”. Diante das constatações elas se mostravam estupefatas: “Credo!... Cruz. Abrenúncio... Cruz cotó!”. Em seguida, comentavam acerca das impressões da opinião pública acerca da mulher em questão: “Bem diziam que a sua reputação... – Lá dela. Deus me perdoe! – Sim dela, não era das mais boas.”. Ao final aparecia o cinismo como norte das relações sociais, quando elas constatarem que “Estão batendo! – Olha quem vem lá; a Joana”; a qual acabava sendo, com muita falsidade, bem recebida: “Um abraço. D. Joana, agora mesmo estava afirmando a estas amigas, que a nossa amizade datava de 35 anos!”.

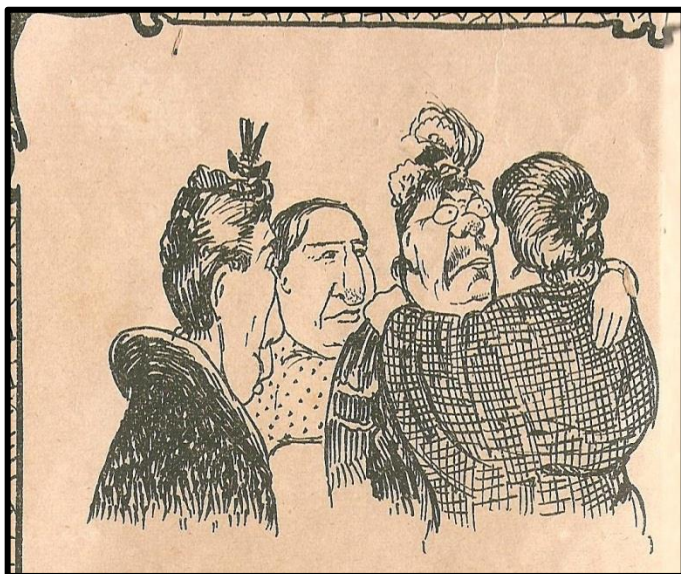
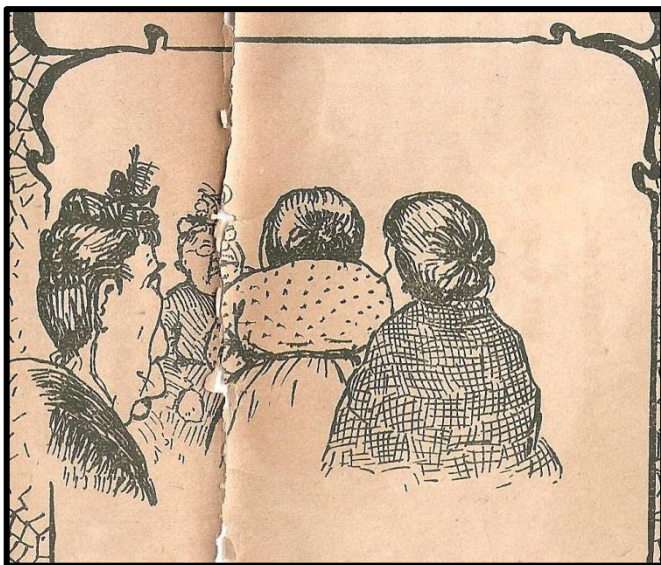






PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



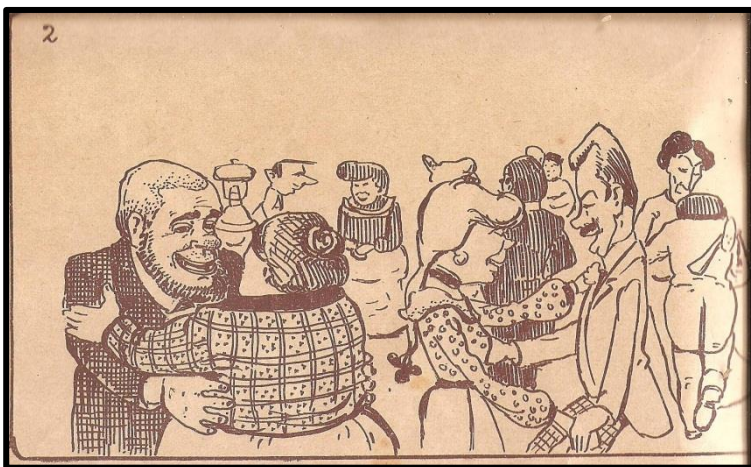


## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

A *high-life* da comunidade rio-grandina era igualmente abordada em “A vida social”. Em um ambiente de festa, um personagem era parabenizado e recebia um presente em homenagem ao seu dia natalício, cena descrita pelo caricaturista como “tudo é alegria e animação em casa do Sr. Manoel Bacalhoadá”. A crítica destinava-se também às colunas sociais publicadas nos diários citadinos: “Tendo noticiado os jornais desse dia que: *completa mais um ano de útil e proveitosa existência o distinto cidadão... etc., etc.* (chapa de costumes)”, vendo-se “o lar do aniversariante assediado de amigos que lhe trazem presentes e felicitações”. Mostrando um ambiente dominado pela dança, Storni apontava que tais festas serviam como oportunidade para as moças casadouras realizarem seus flertes: “Como é praxe, as filhas da casa improvisam uma brincadeira, que é, aliás, um pretexto para dar mais livremente expansão aos sentimentos amorosos”, que eram “retidos até então pelo peitoril da janela, ou olhar fiscalizador da mãe”. Já o dono da casa parecia tranquilo diante daquilo que ocorria, pois, “o Sr. Manoel, alegre e despreocupado, trata de recordar com sua esposa, a polca que dançaram na noite de seu casamento”. Enquanto isso os homens conversavam e bebiam, junto a “uma mesa lauta, com doces e balas de estalo”, a qual estava “previamente preparada para os convidados, os quais tratam sem perda de tempo fazer-lhe as honras”. Não faltava também a figura do orador: “Na sobremesa levanta-se o Escovinha, conhecido e indispensável peru de banquete, o qual, impondo silêncio, principia o discurso de ocasião”, dizendo: “*Esse distinto cidadão, que pelas suas belas qualidades (apoiado geral) soube conquistar-se a estima e consideração, etc., etc.*”. Apesar de toda essa louvação,



“no dia seguinte, na rua”, um indivíduo conversava com o tal orador, perguntando-lhe: “Então Escovinha, que tal a festa em casa do Bacalhoadá?”, surgindo a resposta que revelava toda a falsidade: “Qual festa, aquilo era um *xarope*, o velho um idiota, as filhas uns estupores, e a comida péssima!...”.



PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



Ao final do *Álbum* aparecia o anúncio da chegada de um novo periódico caricato, traduzindo a ideia de que a edição em pauta servira como uma espécie de

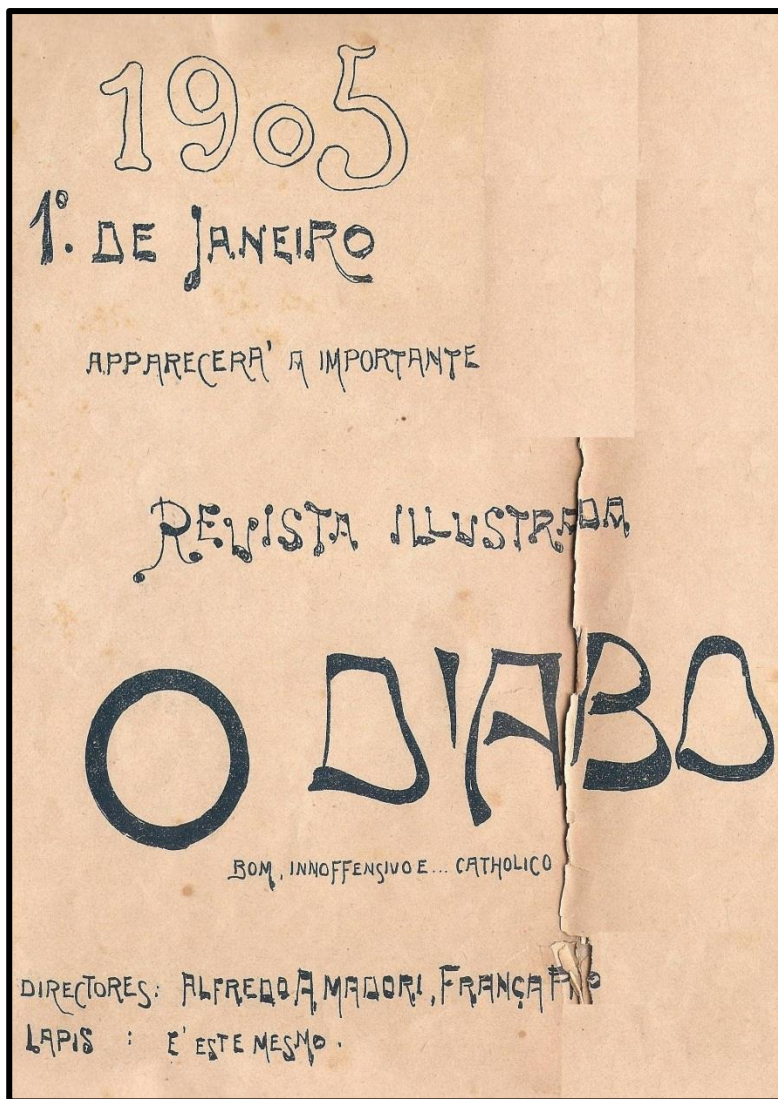


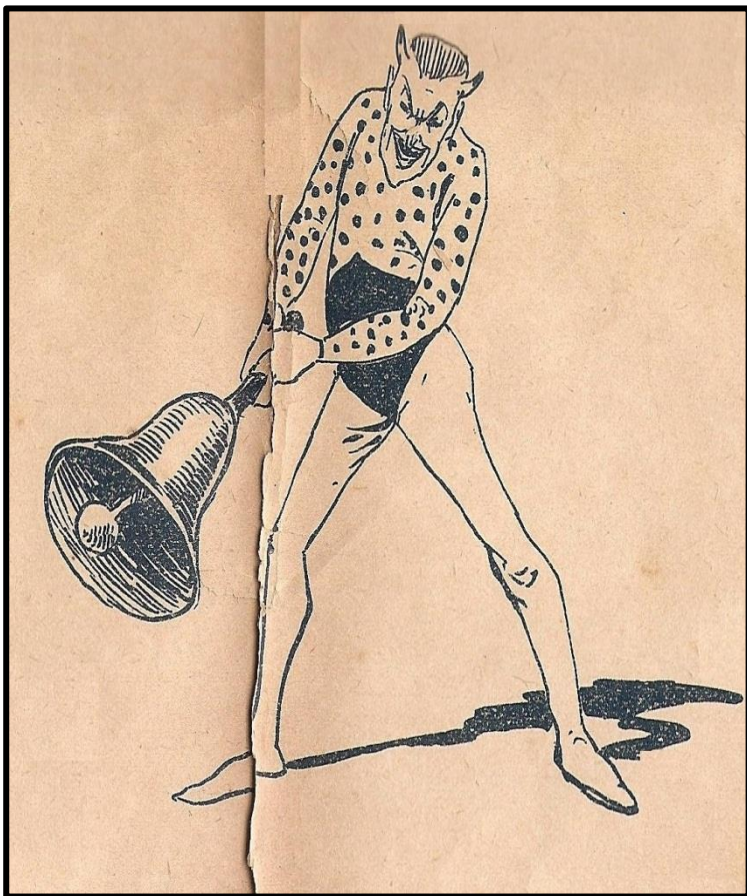
*avant-première* para a nova publicação. Tratava-se do lançamento da Revista Ilustrada *O Diabo* que anunciava a si próprio, carregando na ironia, como “bom, inofensivo e católico”. O responsável pelo lápis viria a ser o próprio Storni. O aviso era ilustrado pela própria figura demoníaca, que balançava um grande sino, para propagar a notícia da novel folha, além de um provável leitor que, já com um exemplar à mão, não se continha no riso. O surgimento do periódico era anunciado para janeiro de 1905, e, em seu programa, viria a propor que seria “educado na escola da mais sã filosofia, visando apenas à graça leve, à crítica inofensiva”, como um “filho amantíssimo da arte e do bom gosto”, de maneira que não admitiria “polêmicas pessoais que, de qualquer forma possam lhe marear a reputação”, preservando a condição de “jornal sério e independente, capaz de penetrar nas mais santas alcovas, nos mais virtuosos e castos salões”. Dizia, assim, que viria a ser “um *Diabo* moderno, fidalgo e delicado, que convictamente cultivará os preciosos ditames da honra e do dever”. Alfredo Storni permaneceu como “redator artístico” da nova folha no primeiro semestre de 1905, vindo a ser substituído quando se deslocou para cidade de Santa Maria, “onde foi ocupar elevado cargo na Estrada de Ferro Belga”<sup>24</sup>, embora não tenha deixado de lado seu pendor artístico.

---

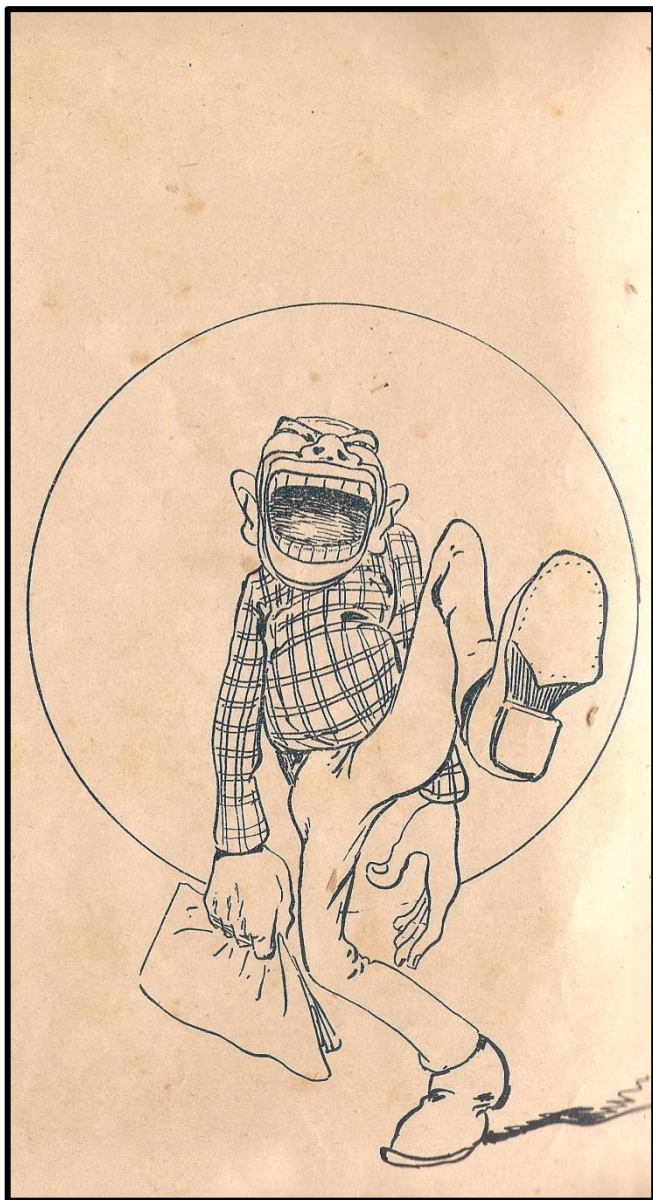
<sup>24</sup> O DIABO, 5 ago. 1905.

PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX





PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



Assim, o *Álbum Ilustrado: caras e caricaturas* refletiu uma das facetas pouquíssimo conhecidas da vida artística de Alfredo Storni, um dos próceres da arte caricatural brasileira. Antes que ele viesse a se tornar um protagonista da caricatura nacional, tendo trabalhado nas duas mais importantes revistas ilustrado-humorísticas do país – *O Malho* e *Careta* –, tornando-se um dos nomes mais reconhecidos em seu campo artístico, Storni teve uma breve e inicial experiência em seu Estado natal. Deslocando-se da fronteira para o litoral, saiu de Santana do Livramento e veio a residir no Rio Grande, cidade tradicional no que tange à imprensa caricata. Trabalhou no *Bisturi*, um dos mais importantes periódicos de seu gênero no contexto estadual, época em que participou do projeto do *Álbum*. Tal publicação não tinha por escopo a perspectiva de tornar-se um periódico, mas serviu para abrir caminho, como uma pré-estreia de uma nova folha ilustrada que surgiria no Rio Grande. O *Álbum* refletia o terreno fértil que a cidade portuária constituía, como consumidora da arte litográfica/caricatural e nele Storni demonstrou que já havia conseguido se enfronhar na sociedade rio-grandina, descrevendo-a iconograficamente em vários de seus aspectos. Nesse sentido, realizou registros da vida intelectual, das pessoas mais conhecidas, do hábito da coleção de postais, das figuras populares que circulavam pelas ruas, dos costumes nos meios militares, do ambiente boêmio, das fofocas que transitavam pela urbe e da *high-life*, com seu mundo de aparências. A política internacional, uma das preferências do desenhista também não escapou ao seu olhar. Desse modo, a comunidade rio-grandina foi por ele esquadrihada, em suas ruas e esquinas, em sua vida



## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

pública e privada, e em seus variados segmentos sociais, do mais pobre à elite. Nessa perspectiva, o *Álbum Ilustrado: caras e caricaturas* serviria como um ensaio geral para Alfredo Storni, realizando a crítica política, social e de costumes no microcosmo de uma cidade sul-brasileira, para depois, nas décadas seguintes, estabelecer voos mais altos, e promover tais críticas observando o cenário brasileiro como um todo.



# **O projeto de inclusão da arte caricatural nas páginas do diário**

## ***Artista: a seção “Caras caricaturadas”***

Na virada do século XIX para o XX a imprensa brasileira – e a sul-rio-grandense no mesmo contexto – dava os primeiros passos em direção a um processo que caracterizaria mais um momento de inflexão em sua evolução histórica. Paulatinamente o jornalismo mudava e os jornais normalmente ligados a pequenas empresas tipográficas começavam a perder espaço. A centralização e a concentração das atividades jornalísticas iniciavam a ganhar corpo, aumentando a competição entre as publicações na busca pelo mercado de leitores, de modo que só as que se adaptavam às novas circunstâncias e conjuntura teriam chances de manter-se circulando de forma mais duradoura. Pouco a pouco passaria a predominar a grande imprensa, praticante do denominado jornalismo empresarial, que se cristalizaria ainda mais a partir dos anos 1930, mas que já nos primórdios do século XX, lançava suas primeiras sementes.

Ao passo que as atividades jornalísticas começavam a concentrar-se em torno das publicações melhor estruturadas, havia também uma centralização em torno das grandes cidades, uma vez que alguns periódicos das mesmas, normalmente os das capitais

estaduais, iniciavam uma caminhada de ampliação de exemplares impressos e uma distribuição mais ampla e sistemática, atingindo inclusive as cidades do interior, causando forte impacto no jornalismo praticado nessas localidades. No caso do Rio Grande do Sul, o jornal que se tornaria o protótipo desse processo histórico seria o *Correio do Povo*, primeira folha gaúcha que representaria a contento o jornalismo empresarial. A cidade do Rio Grande bem demonstraria tal processo. Detentora de uma das mais importantes imprensas no quadro rio-grandense do século XIX, na centúria seguinte passou a ver essa posição decair, de modo que, ao passo que nos Oitocentos chegou a ter cinco jornais diários circulando simultaneamente, nos Novecentos, viu esse número decaindo constantemente para três, dois e, bem mais tarde, apenas um.

Esse processo desencadeou-se paulatinamente, entretanto, nos primeiros anos do século XX, a cidade do Rio Grande veria desaparecer duas de suas mais importantes folhas, o *Diário do Rio Grande* e o *Artista*. Criado em 1862, *O Artista* surgiu como um típico representante da pequena imprensa, quer seja era um semanário de pequeno formato publicado por artífices. Aos poucos, progrediria em termos tipográficos e editoriais, transformando-se em um dos mais importantes diários comerciais rio-grandinos. O jornal apresentou uma identidade com os princípios dos liberais rio-grandenses e sustentou o conflito discursivo típico das disputas partidárias da época imperial. A República traria uma série de indefinições ao periódico, que buscava manter um caminho de certa independência e neutralidade, embora, mesmo que nas entrelinhas, não se coadunasse à situação vencedora,

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

ainda mais se tratando do quadro regional e o ferrenho domínio do modelo castilhista-borgista<sup>25</sup>.

Além de ter perdido parcialmente seu norte editorial no que tange à orientação político-partidária, o *Artista* também iria sofrer com os efeitos da forte repressão mantida sobre o jornalismo nos primeiros tempos republicanos, mormente durante a ferrenha guerra civil que marcou a Revolução Federalista. A partir de 1901, o jornal passou por uma etapa de completa indefinição editorial. Além de publicar artigos e manifestos tanto de castilhistas quanto de federalistas, a folha, em uma espécie de retorno às origens, voltou a tratar de assuntos intrinsecamente ligados ao operariado. No ritmo dessa indecisão quanto aos rumos editoriais, o periódico chegou a editar uma “Seção Operária” e artigos doutrinários a respeito do socialismo e das formas de organização dos trabalhadores. Nessa época, o responsável pelo jornal, Franklin da Fonseca Torres, teve de ausentar-se da cidade, deixando a sua publicação sob a responsabilidade de funcionários, período no qual, o número de anúncios diminuiu sensivelmente. Ao completar seu quadragésimo aniversário, o próprio diário reconhecia as dificuldades que enfrentava, afirmando que a sua publicação atravessava um sem número de obstáculos cada qual mais terrível e que só lutando titanicamente contra os

---

<sup>25</sup> A respeito do conjunto da formação histórica do *Artista*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002. p. 231-269.



escolhos de uma existência tormentosa, era conseguida a manutenção da sua circulação<sup>26</sup>.

Ocorreram constantes tentativas de reorganização da folha, buscando modernizá-la e adaptá-la aos novos tempos vividos pelo jornalismo. Foram anunciadas várias reformas tipográficas e prometidas diversas “novas fases”, à medida que diferentes redatores eram contratados. Nessa busca de modernização o diário rio-grandino chegou a publicar caricaturas e fotografias nas suas páginas, essas tentativas não passaram, porém, de experiências pouco duradouras. Com o retorno de seu proprietário, o periódico passou por uma breve recuperação, mormente entre 1906 e 1907, quando obteve uma certa reordenação financeira e uma razoável reorganização editorial, buscando sustentar o modelo de uma publicação de caráter informativo. Apesar das constantes reformas, “novas fases” e tentativas de modernização, a crise do periódico aprofundava-se e a quantidade de publicidade estampada em suas páginas decaía constantemente. Diante dessa situação, Franklin Torres optou por vender o *Artista* em outubro de 1911. Seu novo proprietário, entretanto, utilizaria a folha quase que exclusivamente para sustentar seus interesses pessoais e partidários, o que levaria a um desgaste profundo e sem volta, promovendo o desaparecimento do *Artista* em agosto de 1912.

Em uma de suas “novas fases” o *Artista* inaugurou uma prática nada comum ao jornalismo diário rio-grandino até então, com a inclusão de uma seção ilustrada em sua primeira página. Nessa seção

---

<sup>26</sup> ARTISTA, 15 set. 1902.

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

predominou a utilização da caricatura. Tratava-se de uma inovação e tanto, uma vez que misturava o tradicional unívoco e monolítico discurso da imprensa dita séria, na qual estavam inseridos os jornais diários, com as estratégias discursivas paradoxais características da pequena imprensa. A caricatura já havia sido incorporada às lides jornalísticas há algumas décadas em várias partes do Brasil, como na sua mais meridional província e, no caso da cidade do Rio Grande, esse processo se desencadeara mais intensamente desde os anos setenta do século XIX. Constituíam essas publicações, entretanto, uma imprensa especificamente ilustrada e humorística, voltada à divulgação da arte caricatural, ou seja, periódicos inseridos no contexto da pequena imprensa que tinham sua base editorial calcada no próprio desenho. Nessa época os jornais diários caracterizavam-se editorialmente por textos escritos, ficando as estampas como uma alternativa utilizada quase que exclusivamente nas matérias publicitárias.

Nessa linha, ao incluir a caricatura em suas páginas o *Artista* buscava adotar novas estratégias discursivas e editoriais que conquistassem o público leitor e proporcionassem melhores condições de adaptação à etapa pela qual passava o jornalismo. Essa “nova fase” do periódico foi inaugurada a 15 de dezembro de 1905, e o próprio editorial já buscava demarcar os novos rumos. Afirmava a folha que na nova fase em que entrava, apresentava-se ao público como órgão essencialmente popular, portanto, sem filiações partidárias, indo ao encontro da propalada neutralidade que se tornava quase que um chavão entre muitos jornais da época. Declarava que pretendia lutar pelo povo e, se o povo lhe tivesse amor, ufano poderia dizer

como o nobre cavaleiro antigo que, ao voltar das rudes pelejas, oferecia a fronte ao beijo do Patriarca de Atenas: “Esta é a minha legítima glória”. A folha destacava também que todas as classes, à frente das quais estariam o comércio e a indústria, como sólido fator do progresso que pelo trabalho fecundo e pela atividade criadora engrandeciam o Rio Grande – alvo dileto dos afetos e devotamentos do jornal – teriam as energias e as dedicações do *Artista* para servi-las com desinteresse e altivez. Alertava, porém, que não queria fazer maiores promessas, pois a sua atuação na imprensa do Rio Grande – ação que deveria ser sempre honesta e digna, generosa e elevada – teria mais positiva eloquência do que teriam quaisquer prometimentos que naquele momento fossem feitos<sup>27</sup>.

Na edição do dia seguinte, o periódico destacava as repercussões de suas mudanças editoriais. Explicava que não faria reclame para o *Artista*, porque isso importaria em uma insinuação à inteligência e à perspicácia do público que bem sabia que a folha, nos moldes com que se apresentara, teria naturalmente de alcançar o mais largo sucesso, o mais vasto acolhimento. Mas, ao mesmo tempo, intentava deixar expresso o seu agradecimento ao público que, compreendendo os imensos esforços e as grandes despesas advindas da nova feição que tomara o *Artista*, amplamente estaria distinguindo o antigo órgão rio-grandense com o seu amparo, o qual significava a garantia de êxito na sua fase nova e com a sua simpatia que trazia em si o mais grato conforto moral. A publicação rio-grandina agradecia

---

<sup>27</sup> ARTISTA, 15 dez. 1905.

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

também aos colegas jornalistas pela maneira gentil com que saudaram o *Artista* pela sua reforma editorial<sup>28</sup>.

A “nova fase” do *Artista* trazia também uma novidade na sua redação. Era Luís França Pinto, nascido na cidade do Rio Grande em 1860 e falecido na mesma comuna em 1935. O novel redator da folha rio-grandina iniciara sua carreira no mundo das letras através da poesia, tendo publicado *Borboletas* em 1893. Permaneceu pouco tempo no *Artista*, entre 1905 e 1906. Em 1916 tornou-se Bacharel pela Faculdade de Direito de Pelotas, vindo a atuar como advogado em sua cidade natal. Não deixou de lado as lides intelectuais, atuando também como professor. Na área educacional, foi Secretário do Ginásio Lemos Júnior, chegando a ser diretor da mesma escola entre 1921 e 1930, ano em que se aposentou<sup>29</sup>.

A seção ilustrada do *Artista* não se tratava de nenhum primor técnico ou artístico, apresentando, inclusive, no breve período em que existiu, vários e graves problemas de composição litográfica/tipográfica. Se comparados aos desenhos apresentados na própria imprensa caricata rio-grandina, há pelo menos quatro décadas, ou até mesmo às estampas publicadas junto a alguns anúncios da própria folha, a qualidade era bastante inferior. Ao lado do pouco primor dos desenhos, havia outros sérios problemas de redação,

---

<sup>28</sup> ARTISTA, 16 dez. 1905.

<sup>29</sup> Dados obtidos a partir de: MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 442.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 380.

ortográficos, de diagramação e mesmo de impressão, os quais prejudicaram em muito a nova experiência.

Buscando enfrentar tais óbices, a redação dizia que não fazia preconícios para o periódico, na sua nova fase, mas que o público que o lia seria o primeiro a reconhecer no trabalho executado o “grande esforço”, ou ainda “o sacrifício” que estaria sendo feito para servi-lo. Informava que a parte artística da folha – retratos e caricaturas – estava a cargo do “talentoso jovem” José Procópio Pereira Neto, de cuja “habilidade” poderia o público ajuizar pelos “nítidos desenhos” da folha. Além disso, era destacado que a impressão litográfica do jornal era feita sob a direção competente do colega Thadio Amorim<sup>30</sup>, artista que militava na caricatura desde a década de 1870.

Apesar dos problemas, o *Artista* buscou sustentar a novidade de trazer um complemento visual às suas edições, expressando através de desenhos em geral e da caricatura mais particularmente uma série de construções discursivas e imagéticas, levando ao público leitor o debate a respeito de variados assuntos do momento. Era uma nova estratégia, para uma “novel fase” e, ainda que limitada cronologicamente, demonstrava a vontade de continuar dos responsáveis pela folha, lançando-se, inclusive, a inovadoras e arriscadas experiências. Constituíam-se assim, no intento do jornal diário, o somatório entre a tradicional ordenação discursiva e editorial calcada exclusivamente no texto, com o apelo que a imagem vinha trazendo aos leitores já há bastante tempo. A seção ilustrada publicada no *Artista* de dezembro de 1905 a janeiro do

---

<sup>30</sup> ARTISTA, 15 dez. 1905.



## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

ano seguinte, ainda que acanhada quanto à qualidade e à duração, constituiu uma inovação editorial colocada em prática por um dos mais importantes jornais da história da imprensa rio-grandina<sup>31</sup>.

Foram múltiplas as temáticas abordadas por meio das ilustrações e da arte caricatural no projeto levado à frente pelo *Artista*. Houve uma predominância dos assuntos locais, como as melhorias de acesso marítimo à cidade, com a recorrente busca por vencer os obstáculos oferecidos pela barra rio-grandina, a iluminação pública e os projetos de reformulação urbana, entre outras incursões. Também apareceram temas vinculados à vida nacional e mesmo à internacional, bem como houve espaço para desenvolver a crítica política, a de costumes e a social. Um dos temas mais recorrentes abordados pelas ilustrações do *Artista* esteve vinculado à política externa nacional, tendo em vista o desentendimento diplomático ocorrido entre Brasil e Alemanha. Naquele final de 1905, oficiais da canhoneira germânica *Panther* cometeram atos indevidos e ofensivos à soberania brasileira no litoral de Santa Catarina. A belonave alemã seguiu viagem para o sul e encontrava-se exatamente na cidade do Rio Grande quando o acontecimento encontrou eco por meio da imprensa. O jornalismo brasileiro moveu verdadeira cruzada contra os germânicos, e a imprensa rio-grandina fez coro a tal grita generalizada, tendo o *Artista*

---

<sup>31</sup> Contextualização realizada a partir da revisão e ampliação de: ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa, cultura e sociedade no Rio Grande do Sul: estudos históricos*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2009. p. 65-71.

participação efetiva em tal processo, inclusive por meio de sua nova seção ilustrada e humorística.

O próprio *Artista* buscou demonstrar o alcance de sua inovação editorial, com a inclusão da seção ilustrado-humorística, ao mostrar dois populares conversando em um dos becos citadinos, em um diálogo que apresentava erros propositais, visando a expressar certo sotaque. Na conversa os homens se diziam satisfeitos com a nova fase do periódico, fundamentalmente por trazer uma linguagem mais próxima dos leitores, de modo que assim eles se sentiam “sempre na ponta” quanto às informações/opiniões expressas pela publicação<sup>32</sup>. A mobilização pública em torno da Questão da *Panther*, inclusive com a participação do *Artista*, foi demonstrada imagetivamente pelo periódico, intentando revelar o impacto de seus informes, como foi o caso do desenho que mostrava um grupo de pessoas perante a representação da República – a dama do barrete frígio –, colocando-se à disposição da causa pátria.

---

<sup>32</sup> ARTISTA, 20 e 22 dez. 1905. Sobre o sucesso da nova iniciativa editorial, a redação do *Artista* chegou a publicar nota otimista, sob o título de “Edições esgotadas”, na qual dizia: “Tem-se esgotado todos os dias as grandes edições do *Artista*. Ainda ontem, pouco depois de começar a circular o *Artista*, não havia na administração do nosso jornal um único número da nossa folha para servir às pessoas que vinham procurá-la. Este apoio do público, verdadeiramente extraordinário, enche-nos de júbilo, pelo grande conforto moral que nos traz. A ele, ao público generoso e bom que tão alevantadamente compreende a nossa atitude, os nossos agradecimentos cordialíssimos” (ARTISTA, 21 dez. 1895).

PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX





Apesar dessas tentativas de demonstrar o agrado do público para com a sua inovação, o *Artista* não conseguiu levar tal intento em frente por muito tempo. Os constantes erros tipográficos e o decréscimo na qualidade dos desenhos refletiam as amplas dificuldades em manter a nova iniciativa, que acabaria por não durar muito, estendendo-se por pouco mais de um mês, entre 15 de dezembro de 1905 e 20 de janeiro de 1906. Em pequena nota, o jornal declararia que sua seção ilustrada seria suspensa por alguns dias, argumentando que circunstâncias imprevistas, inteiramente alheias à vontade da redação, levavam aquela decisão. Anunciava, entretanto que estavam sendo tomadas as

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

necessárias providências a fim de que, com a brevidade possível, pudesse reaparecer no *Artista* a parte ilustrada, e garantia que as novas ilustrações seriam feitas a capricho, pois não seriam poupados esforços para bem servir o público que tão largamente os distinguia com o seu apoio<sup>33</sup>. Apesar da eloquente promessa, a seção ilustrada do diário não mais retornaria até o seu desaparecimento em 1912<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> ARTISTA, 22 jan. 1906.

<sup>34</sup> ALVES, 2009. p. 88.



CITADINE		
ADRIANO	140.000	
FRANCESCO	100.000	
INTERIOR		
ADRIANO	90.000	
FRANCESCO	110.000	

[illegible]

...o Banco da República tem aumentado consideravelmente a sua emissão de notas e cédulas em Fomento de 142 mil contos, acha-se elevada a 250 mil e toda a emissão sabe que tem havido grande saze como a emissão de ações do Banco do Brasil, que não se pode pagar 35 mil contos em contos, estando depositados no Tesouro 20 mil além da comissão de 1.250 contos que teve de pagar para emitir 250 mil de cédulas de 500 de emissão de ações.

O público verá que o banco está constantemente empregando seu dinheiro nas vendas de empréstimos por ações, créditos de bancos, e companhias e em todas as vezes

Se se consultar a gravação, verá que um grande número de pessoas se interessaram por este assunto. E, de fato, a maioria das pessoas que se interessaram por este assunto não são apenas curiosos, mas sim, pessoas que se interessam por tudo o que acontece no mundo. E, portanto, é muito importante que você se mantenha atualizado sobre tudo o que acontece no mundo. E, para isso, é muito importante que você se mantenha atualizado sobre tudo o que acontece no mundo. E, para isso, é muito importante que você se mantenha atualizado sobre tudo o que acontece no mundo.

[illegible]

O grande não sustenta a opinião dos que querem a liquidação deste banco como salvadora do actual estado da couisa, e tanto mais que vê o que se está a dar no Senado com os partidários das difficuldades de que estamos, quando vê o processo de Sr. Amaro Cavallanti e o que konte os appetitos de Sr. Elton Martins que parecem ao orador serem governistas e por consequencia de accordo com o ministro da fazenda.

Vendo a tendença para o

— Nada receio,  
— É fácil voltar uma sala.

— Você vai à sua casa, tomar um chá e voltar aqui amanhã. Não se esqueça de trazer o dinheiro que lhe dei para a viagem. Não se esqueça de trazer o dinheiro que lhe dei para a viagem.

...sillorou a  
...mulhan-  
...produ-  
...que ele

Henrique, muito pálido, ap-  
roveitou com um sinal.

— Você está bem certa, Luí-

— Ainda falta n'isso! Faz-me nascer deomolungas.

— Oh! não!

— Já não será um preconceito da coradria natural ao meu co-

(Confined.)

ao XX -







## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

O segmento ilustrado do *Artista* deu ampla preferência para as representações caricaturais, com toda a sua carga de crítica, gracejo, sarcasmo e ironia, mas também houve espaço para outros tipos de gravuras. Dentre elas apareceram as ilustrações de cunho encomiástico, destinadas a saudar alguma personalidade da conjuntura política, partidária, socioeconômica e cultural no âmbito local, estadual, nacional e até internacional. Dentre as figuras que tiveram seus retratos destacados pelo periódico, estiveram Plácido de Castro, apontado como “o herói do Acre”; o “ilustre jornalista” Eugênio Silveira, com ênfase às homenagens por ele recebidas; Venâncio Aires, denominado de “patriarca da ideia republicana no Rio Grande do Sul”; Pedro Gonçalves Moacir, republicano de origem, que, posteriormente passou à dissidência e, a seguir, aderiu ao Partido Federalista, tornando-se uma de suas lideranças; o general Joca Tavares, chefe conservador que aderiu à República, vindo mais tarde a integrar o Partido Federalista, sendo um dos líderes dos rebeldes de 1893-1895; a figura clerical do Cardeal de Arcoverde, identificado como “ilustre brasileiro”. No contexto externo, o predomínio foi de personagens portugueses, como o conde de Arnoso, secretário particular do monarca lusitano; o próprio rei de Portugal, D. Carlos, em retrato estampado como uma “homenagem do *Artista* à colônia portuguesa”; havendo ainda a presença da rainha de Portugal, D. Amélia.

Também no âmbito da inserção de personalidades na primeira página do *Artista*, a parte ilustrada do periódico reservou, em algumas edições, a presença de uma seção denominada “Caras caricaturadas”. Em tal segmento, a perspectiva não era o

uso da caricatura para destacar o personagem em pauta a partir do ridículo, do escárnio, da pilhéria, com ênfase à crítica, à censura e ao destaque de defeitos. Tratava-se do registro do retrato observado pelo traço caricaturado, com um fundo de predomínio laudatório. Ao contrário da caricatura tradicional, cujo alvo essencial eram as imperfeições ou deformidades, fossem as físicas ou de caráter, em tal seção, a arte caricatural trazia o personagem em si, por vezes empunhando algum objeto que lembrasse o seu papel social. Foram nove as edições ilustradas que continham as “caras caricaturadas”.

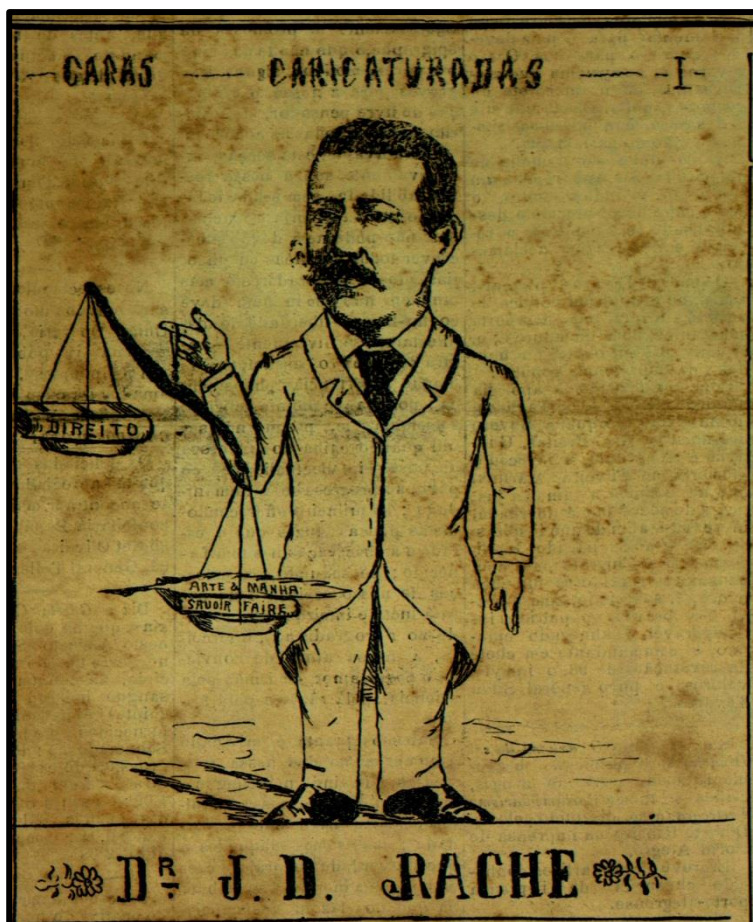
A presença original na seção “Caras caricaturadas” coube ao Dr. J. D. Rache. Advogado militante na cidade do Rio Grande<sup>35</sup>, José D. Rache foi representado trazendo a balança da justiça em sua mão direita, em alusão à sua profissão. Os pratos da balança abrangiam também outras vertentes em sua atuação, ou seja, o próprio “Direito”, mas também a “arte”, a “manha” e o “*savoir faire*”, em relação à habilidade e perícia com que desempenhava suas funções, assim como seus pendores artísticos voltados às lides intelectuais<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> RACHE, José D. *Ação de divórcio – alegações finais*. Rio Grande: Livraria Rio-Grandense, 1913.

<sup>36</sup> ARTISTA, 30 dez. 1905.

PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



O segundo personagem destacado na seção caricatural do *Artista* foi o comendador Gustavo Pooch, com a homenagem a um industrialista local que inaugurou uma das fábricas mais promissoras da cidade, vinculada à produção, importação e exportação de



produtos oriundos da fumicultura, mormente charutos. Na ilustração, além de estar fumando, ele trazia uma das tradicionais caixas que continham o produto que fabricava<sup>37</sup>. Gustavo Pooock nasceu em Hamburgo, em 1854, tendo aprendido a profissão junto a seu pai fabricante de charutos nesta cidade germânica. Chegou à localidade do Rio Grande em 1876, exercendo sua atividade, como empregado, em importantes casas comerciais citadinas, além de ocupar simultaneamente o cargo de chanceler do consulado alemão. Em 1880, casou-se com uma rio-grandina, enraizando-se mais ainda no lugar. Após superar várias dificuldades, em 1891, fundou na urbe portuária uma fábrica de charutos, a primeira no seu gênero no Brasil. Estava fundada a Pooock & Cia. e, em seguida, o industrial seguiu para a Europa, onde contratou pessoal habilitado e fechou contratos para fornecimento de matéria-prima. Novos obstáculos surgiram com a epidemia de cólera-morbo e a eclosão de movimento revolucionário em Hamburgo, no ano de 1892. Tais embaraços atrasaram os trabalhos da indústria, mas a boa aceitação do produto levou a uma expansão, com o aumento do capital investido, nos anos de 1895 e 1899. Também em 1899, a empresa estendeu-se para além do Rio Grande, passando a funcionar uma filial em Cachoeira, na Bahia. O industrialista permaneceu atuando como cônsul da Alemanha e vice-cônsul da Áustria, visando a estreitar as relações destas nações com o Brasil, além disso, no âmbito rio-grandino fundou escolas e uma igreja. Em 1911 ocorreria uma nova ampliação de capital, passando a firma denominar-se Companhia de Charutos Pooock. Adoentado, Gustavo

---

<sup>37</sup> ARTISTA, 2 jan. 1906.

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

Poock embarcou para a Europa, buscando alívio para os seus males, entretanto faleceu em 1915, ao chegar em Genova<sup>38</sup>. A Fábrica de Charutos Havaneses e Nacionais Poock & Cia. – Sociedade Comanditária em Ações tinha por objetivo precípua “a fabricação de charutos de todas as qualidades e quaisquer produtos de fumos, estrangeiro ou nacional, anexando-lhe todos os acessórios para isso necessários”, assim como “negócios de importação e exportação concernentes ao ramo de fumo e seus produtos”<sup>39</sup>. A modificação da empresa adveio da “necessária expansão e desenvolvimento dos negócios”, que exigiu “a transformação da comanditária em sociedade anônima, com aumento de capital”, embora a nova sociedade permanecesse “sem mudar de objetivo”<sup>40</sup>. O próprio *Artista*, por ocasião do aniversário de Poock, o cumprimentava na condição de “ilustre cavalheiro e conceituado industrialista”, sendo um “amigo leal do Brasil”, ao qual “tem dado a sua atividade inteligente e fecunda”. Explicitava que, “de modo inequívoco”, o industrial tinha “afirmado o seu amor ao Brasil, mostrando ser um estrangeiro digno do nosso sincero afeto e respeitoso acatamento”<sup>41</sup>.

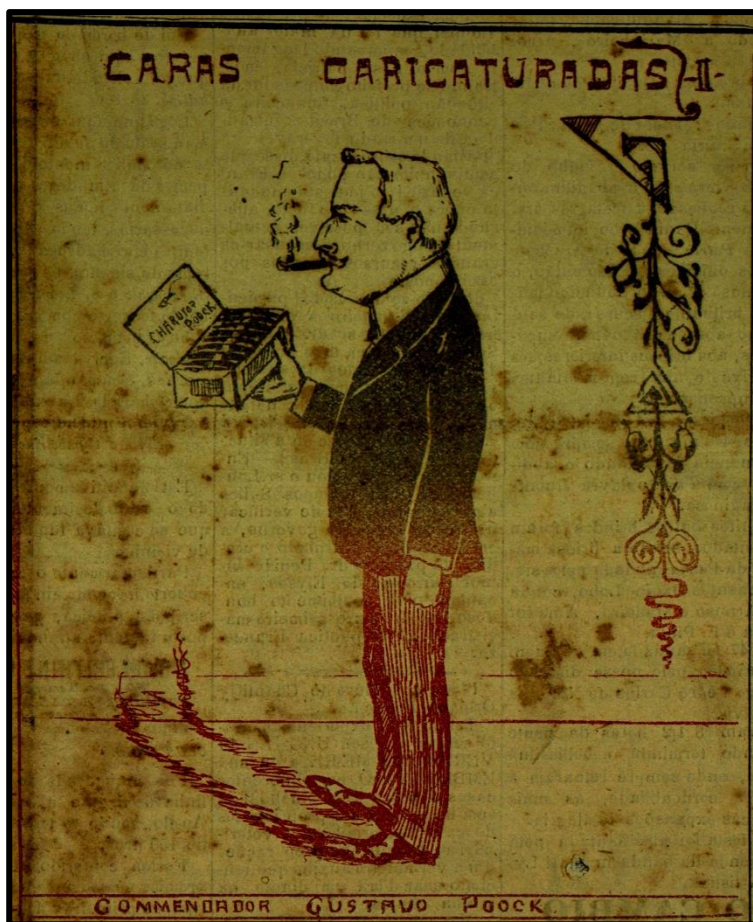
---

<sup>38</sup> DOMECCQ, Monte. *O Estado do Rio Grande do Sul*. Barcelona: Estabelecimento Gráfico Thomas, 1916. p. 331-335.

<sup>39</sup> ESTATUTOS da Fábrica de Charutos Havaneses e Nacionais Poock & Cia. – Sociedade Comanditária em Ações. Rio Grande: Oficinas a Vapor de *O Tempo*, 1907. p. 3.

<sup>40</sup> BASES GERAIS para a transformação da Sociedade Poock & Cia. para Companhia de Charutos Poock. Rio Grande: Tipografia do *Eco do Sul*, 1911. p. 1 e 5.

<sup>41</sup> ARTISTA, 18 dez. 1905.



O Dr. Alcides Lima, apresentado com um livreto à mão, identificando sua condição de escritor, foi outra figura enfatizada pelo *Artista*<sup>42</sup>. Alcides de Mendonça

---

<sup>42</sup> ARTISTA, 3 jan. 1906.

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

Lima nasceu em Bagé, em 1859 e faleceu no Rio de Janeiro em 1935. Estudou no Colégio São Pedro, no Rio Grande e no Colégio Gomes, em Porto Alegre. Tornou-se Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1882. Foi redator dos jornais paulistas *O Federalista* (1880) e *A República* (1881) e redator-proprietário do porto-alegrense *O Cidadão* (1889). Publicou folhetins de crítica literária nas publicações paulistanas *Tribuna Liberal* e *Província de São Paulo*. Atuou como promotor público, juiz municipal e juiz de comarca, em Livramento, Pelotas e no Rio Grande. Em termos eletivos, foi deputado constituinte e membro da Câmara de Representantes gaúcha. Profissionalmente ainda atuou como advogado e professor, vindo a ser reitor do Ginásio Municipal Lemos Júnior, no Rio Grande, em 1906. Membro da Academia Rio-Grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, foi também propagandista da abolição e da república. Dentre suas publicações estão *História Popular do Rio Grande do Sul* (1882), *Comentário à Lei Hipotecária* (1890) e *Resposta do Juiz da Comarca do Rio Grande à Denúncia do Procurador Geral do Estado* (1896)<sup>43</sup>. Naquela virada de 1905 para 1906, Alcides Lima prestava seus serviços advocatícios também na cidade do Rio Grande, onde estabelecera escritório<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> MARTINS, 1978. p. 312.; e VILLAS-BÔAS, 1974. p. 383.

<sup>44</sup> ARTISTA, 18 dez. 1905.



Carregando a lira poética e com o livro e a pena  
pairando acima de sua cabeça, o escritor e jornalista



## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

Mário de Artagão foi outro dos homenageados em “Caras caricaturadas”<sup>45</sup>. Ele nasceu na cidade do Rio Grande, em 19 de dezembro de 1866, batizado com o nome de Antônio da Costa Corrêa Leite Filho. Pertencia a uma família abastada, ligada ao comércio citadino, o que lhe permitiu viajar pela Europa, realizando seus estudos na Alemanha e em Portugal. Já nos anos 1880, voltou para o Brasil, assumindo funções na empresa familiar, atuando no Recife e no Rio de Janeiro. Naquela cidade, iniciaria sua carreira literária, com o lançamento de seu primeiro livro, *As infernais*, em 1889, com uma segunda edição no ano seguinte. Nessa época assumia definitivamente seu nome artístico – Mário de Artagão – pelo qual ficaria mais conhecido. Já no Rio, dava os seus primeiros passos no mundo do jornalismo, trabalhando na *Tribuna Liberal*. Retornaria para sua cidade natal e, diante da insistência paterna para que administrasse a firma familiar, o escritor optou pelo caminho das letras. Artagão foi o típico representante da intelectualidade de seu tempo, agindo em múltiplas áreas, ao atuar como jornalista, poeta, professor, filósofo, conferencista, teatrólogo, administrador escolar, dramaturgo e polemista. Era um poliglota, pois falava e escrevia em português, inglês, francês, espanhol, alemão e italiano. Seu reconhecimento como intelectual ultrapassou fronteiras, tendo pertencido a academias literárias em Paris e em Hamburgo, além de ser membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, do Instituto de Coimbra, do Grêmio Literário da Bahia, do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas e do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco. Em sua volta

---

<sup>45</sup> ARTISTA, 4 jan. 1906.

para o Rio Grande do Sul, Mário de Artagão conviveu com a transição da Monarquia à República, assumindo uma posição político-ideológica que não abandonaria até o final de seus dias. Assim, defendeu um ideário monárquico, colocando-se abertamente contra o regime republicano. Em terras gaúchas, escreveu nos periódicos *Correio Mercantil* e *Nacional*, ambos de Pelotas e atuou nos rio-grandinos *Rio Grande do Sul* e *Eco do Sul*. Através da imprensa, expressou sua posição não só de oposição, mas também de combate e resistência ao republicanismo, notadamente contra o autoritarismo, fosse na esfera federal, fosse na estadual, em relação ao castilhismo. Para dar vazão às suas ideias, fundou *A Atualidade*, em 1892, jornal em que chegou ao apogeu de sua militância monarquista. As posições políticas do autor custaram-lhe muito caro, tendo de enfrentar constantemente o ódio dos adversários, as ameaças e a vigilância das autoridades públicas. Por tal motivo chegou a ter de buscar por alguns meses asilo no consulado britânico, quando a crise política se acirrou no Rio Grande do Sul, levando à deflagração da Revolução Federalista. Nesse meio tempo, em 1894, lançou seu segundo livro intitulado *Psaltério*, desdobrado depois, em 1896, em *O Psaltério na quermesse*. Além disso, contribuiu com o *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e com o *Almanaque Popular Brasileiro*. As ferrenhas perseguições sofridas em muito marcaram a vida do escritor. Em 1897, ele mudou-se para cidade de Pelotas, onde fundou o “Colégio Mário de Artagão” e colaborou intensamente com o jornal *A Opinião Pública*. Nesta mesma cidade, editou, em 1901, mais um de seus livros, *Música Sacra*. Após isolar-se, vindo a residir no litoral norte gaúcho, Artagão voltou à sua cidade natal,

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

colaborando proficuamente com o *Eco do Sul*. Mas ele continuava a ser alvo da coerção governamental, e mesmo que não fosse mais um jornalista eminentemente militante, não deixou de ser perseguido. Cansado de tanto cerceamento, Mário de Artagão optou por um autoexílio em Lisboa, partindo em 1905 com toda a sua família, para nunca mais voltar ao Brasil. Em Portugal, Mário de Artagão também foi reconhecido como intelectual, publicando várias de suas poesias em folhas literárias. Ele abandonou o jornalismo opinativo e, sem deixar de ser monarquista, buscou não mais se expressar abertamente sobre a vida política brasileira. No lar adotivo, dedicou-se à sua obra literária, publicando *Janina* (1907), uma segunda edição de *O Psaltério* (1912) e uma terceira de *As infernais* (1914) – nestes dois últimos, os textos originais foram em muito revistos e refeitos –, *No rastro das águias* (1925), *Rimas pagãs* (1933), *Helláda, ninho dos deuses...* (1934) e *Feras à solta* (1936). O escritor faleceu a 15 de agosto de 1937, vindo a conquistar reconhecimento internacional como literato e jornalista<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> ALVES, Francisco das Neves. *A convicção através da pena: a obra jornalística e literária do escritor Mario de Artagão no âmbito brasileiro-lusitano*. Lisboa: CLEPUL, 2016.



Sobre o Dr. Souza, apresentado apenas com o sobrenome e sem maiores detalhes que trouxessem uma identificação, a não ser a designação de doutor, que normalmente lhe vincularia às profissões de advogado

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

ou médico ou ainda engenheiro<sup>47</sup>, não houve informações nos referenciais pesquisados. Já outro personagem homenageado era profundamente conhecido na vida política gaúcha, com o destaque recaindo sobre o conselheiro Francisco Antunes Maciel<sup>48</sup>. Agraciado com o título nobiliárquico de barão de Cacequi, em 1883, embora não tenha feito uso do mesmo, Antunes Maciel nasceu em Pelotas, em 1836 e morreu no Rio de Janeiro, em 1917. Iniciou o curso de Direito na Academia de São Paulo e concluiu sua formação em Montevideu. Pertenceu ao Partido Liberal e foi deputado provincial entre 1873 e 1884, bem como deputado geral nas legislaturas de 1878-1881, 1882-1884, 1885 E 1886-1889. Na vida pública foi ainda Ministro do Império, entre 1883 e 1884. Após a proclamação da República, alinhou-se com a oposição a Júlio de Castilhos, vindo a ingressar no Partido Federalista, no qual ocupou a liderança após a morte de Silveira Martins, em 1901. Por esta agremiação oposicionista foi eleito nas legislaturas de 1906-1908 e 1909-1911<sup>49</sup>.

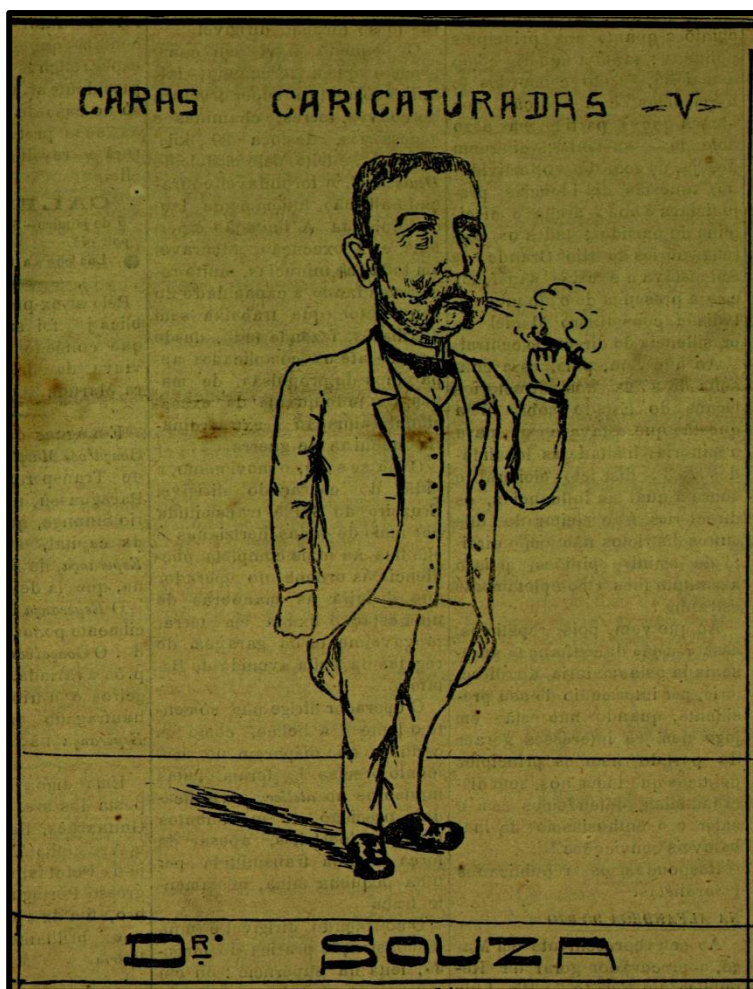
---

<sup>47</sup> ARTISTA, 5 jan. 1906.

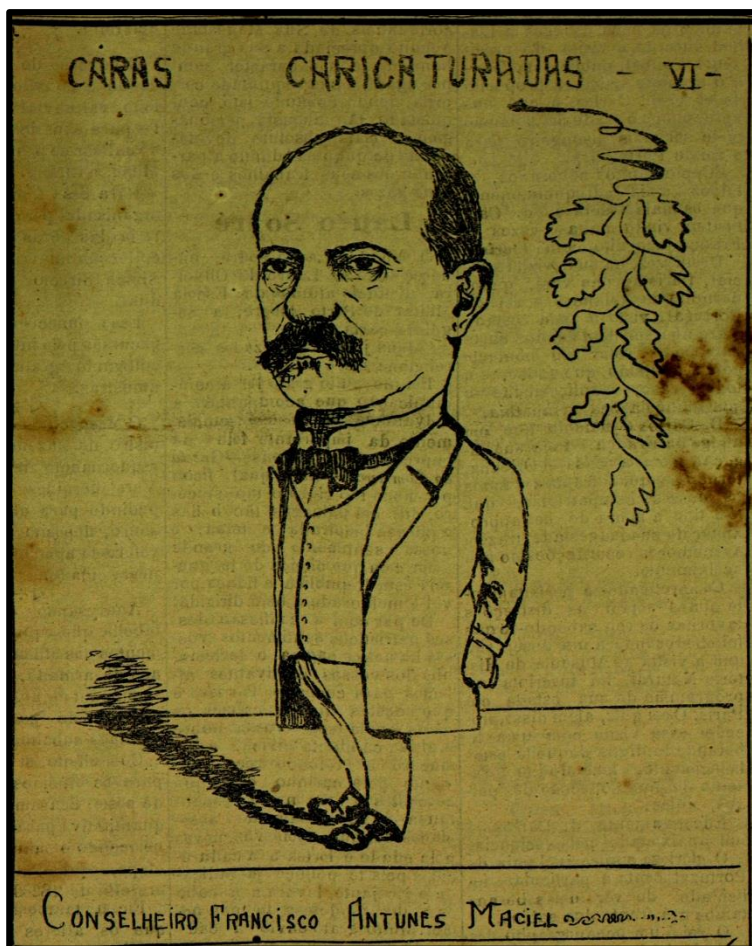
<sup>48</sup> ARTISTA, 6 jan. 1906.

<sup>49</sup> FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul (1821-1937)*. Porto Alegre: Suliani Letras & Vida, 2010. p. 128-129.





PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



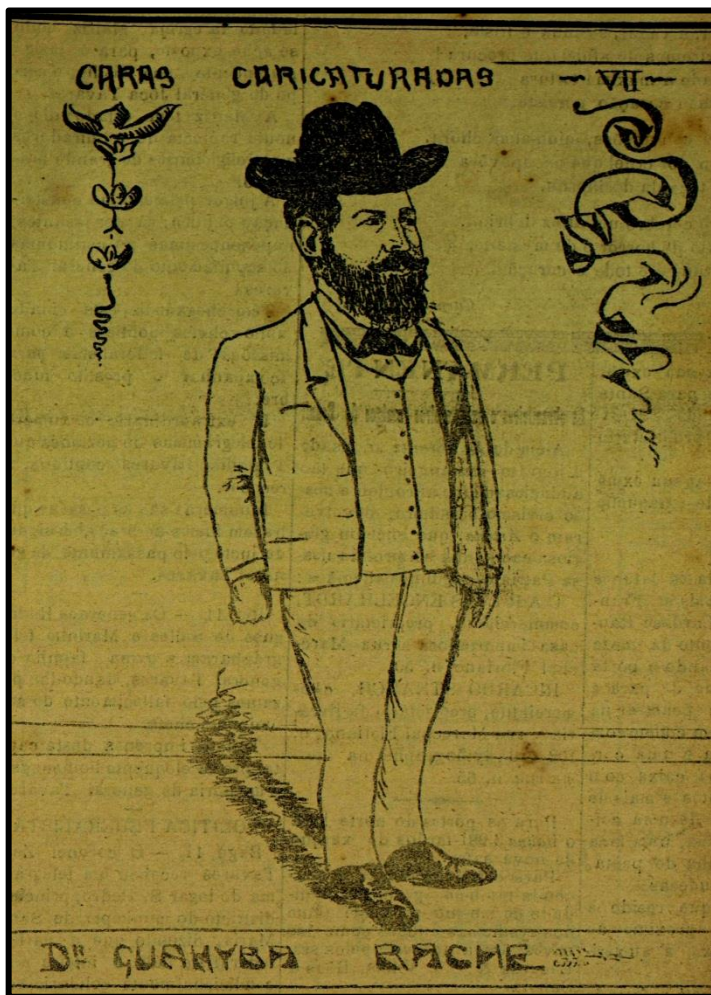
A sétima inserção das “Caras caricaturadas” coube a um médico, com a ilustração do Dr. Guaíba Rache<sup>50</sup>. O homenageado era Silvestre Guaíba Rache,

<sup>50</sup> ARTISTA, 11 jan. 1906.

que nasceu em 1875, em uma embarcação a caminho de Porto Alegre, em pleno Rio Guaíba, derivando daí o seu segundo nome. Realizou o curso primário em Jaguarão, passando depois a ser aluno interno do Colégio dos Jesuítas, em São Leopoldo. O curso ginasial foi completado no Colégio Rio-Grandense, em Porto Alegre. Aos dezesseis anos ingressou na Escola Militar, na capital gaúcha, vindo a envolver-se em atos contra o governo de Júlio de Castilhos, sendo por isso transferido para o Colégio Militar de Fortaleza. Interessado nos destinos de seu estado natal, saiu do Ceará, dirigindo-se para o sul em plena Revolução Federalista, chegando ao Uruguai em 1894. Terminada a guerra, foi anistiado, retornando ao Rio Grande, onde já estava estabelecida a sua família. Daí foi para Ouro Preto, para cursar a Faculdade de Farmácia, vindo a transferir-se para o Rio de Janeiro, onde se bacharelou na Faculdade de Medicina, em 1901. Uma vez formado, passou a clinicar em Porto Alegre, onde adquiriu matrimônio em 1902, para em seguida fixar residência na cidade do Rio Grande, onde exerceu sua profissão, ficando amplamente reconhecido pela assistência filantrópica que prestava aos desvalidos. Não desistiu de suas posturas oposicionistas ao castilhismo, ingressando no Partido Federalista e fundando e presidindo por várias vezes o Clube Gaspar Martins, entidade rio-grandina que mantinha acesa a flama oposicionista. Foi membro do Congresso Latino-Americano de Medicina (1909) e do Congresso Internacional de Medicina (1910). Dirigiu a campanha contra a varíola, em São José do Norte e projetou criar salinas em tal localidade, chegando a viajar ao Rio de Janeiro para adquirir know-how para a

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

empreitada, entretanto, ficou gravemente enfermo, vindo a falecer em 1918<sup>51</sup>.



---

<sup>51</sup> NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1989. t. 3, p. 128-129.

Outro personagem enfatizado pela seção caricatural do *Artista* foi Aurélio Bittencourt<sup>52</sup>. O escritor, jornalista, biógrafo, historiador, orador e contista Aurélio Viríssimo de Bittencourt nasceu em Jaguarão, no ano de 1849 e faleceu na capital sul-rio-grandense, em 1919. Em Porto Alegre foi tipógrafo de *O Mercantil* (1864), revisor de *A Reforma* (1868), codiretor da *Revista Literária* (1881) e diretor do *Jornal do Comércio* (1903-1911). Executou várias funções na Secretaria do Governo da Província. Foi fundador do Partenon Literário, membro da Sociedade Ensaaios Literários e principal organizador da Academia Rio-Grandense de Letras. Entre seus escritos figuram: *Esboço biográfico do Vigário José Inácio* (1877), *Um casamento por amor* (1868), *A Estátua de carne* (1869), *Duas irmãs* (1869), *Um sonho* (1869), *Lírios d'alma* (1869), *O agonizar do poeta* (1869), *Resumo histórico da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre* (1872), *A morte de uma flor* (1872), *Maria* (1874), *Esperança e caridade* (1883), além de uma série de conferências e discursos<sup>53</sup>.

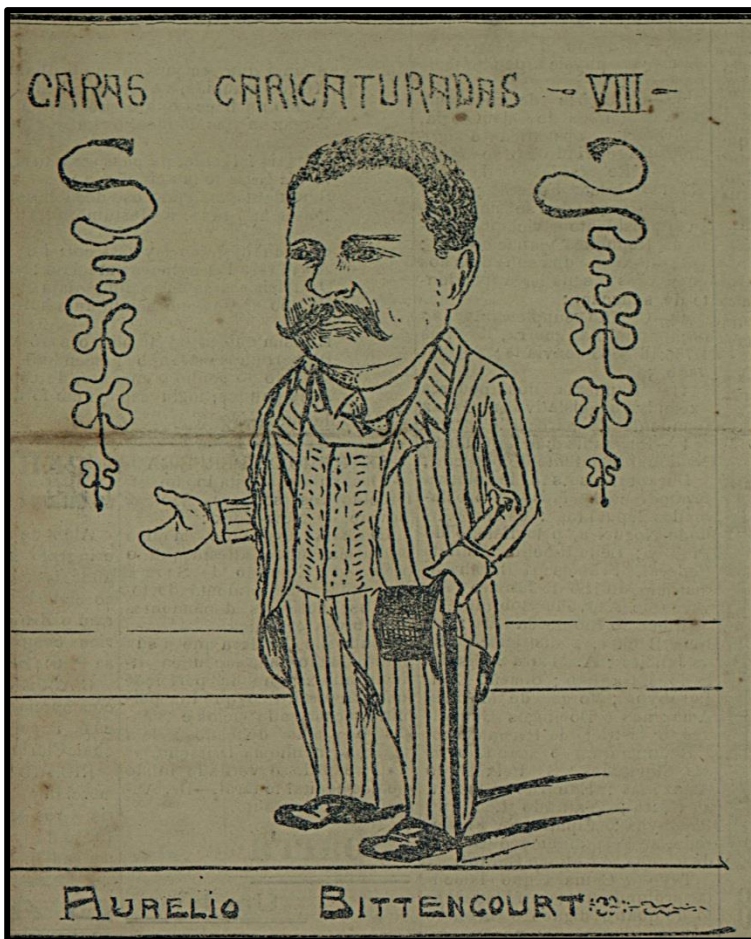
---

<sup>52</sup> ARTISTA, 13 jan. 1906.

<sup>53</sup> MARTINS, 1978. p. 88-89.; e VILLAS-BÔAS, 1974. p. 73-74.



PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



A nona e derradeira inserção da seção “Caras caricaturadas” foi dedicada a Azambuja Neto, cuja atuação docente era indicada pelo livro que trazia à mão



esquerda<sup>54</sup>. Sobre o personagem, o próprio *Artista* publicava, no segmento “Especiais”, um anúncio sobre as atividades de Francisco Pinto de Azambuja Neto, professor da 10ª aula pública de 3ª entrância. Segundo a matéria publicitária ele possuía uma longa prática do magistério, lecionando a menores e a adultos todas as matérias do curso primário e secundário. O jornal informava ainda que a aula particular do docente já se achava aberta para o ano letivo de 1906, continuando a funcionar na sua residência, localizada à Rua Marechal Floriano, número 367<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> ARTISTA, 15 jan. 1906.

<sup>55</sup> ARTISTA, 11 e 16 jan. 1906.

PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO  
GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX



Ainda que fosse uma experiência passageira e pouco expressiva em termos de duração cronológica, a inserção de caricaturas trouxe consigo a tentativa do

*Artista* em manter-se circulando e adaptar-se às novas exigências do jornalismo. Criar um espaço editorial em que convivessem harmonicamente o discurso monolítico e unívoco da imprensa séria com o discurso paradoxal da pequena imprensa, não era uma empreitada facilmente exequível. Havia os problemas técnicos e que bem expressos ficaram na pouca qualidade da seção ilustrada do periódico, mas existia também a própria receptividade ao menos de parte do público leitor e a sua expectativa quanto ao mote discursivo do jornal, de modo que os leitores mais tradicionais da folha poderiam esperar a já histórica sobriedade do texto escrito e não estarem preparados para o humor, a ironia e a crítica mais ferina típica da caricatura. Desse modo, o *Artista* tentava uma novidade, usar o apelo visual, que tanto servira aos semanários caricatos que, por meio da estratégia iconográfica e de um discurso mais voltado à prática humorística, tanto cativaram seu público leitor. Entretanto, o uso da imagem trazia em si a necessidade de uma série de mudanças editoriais e técnicas que otimizassem o processo, transformações as quais a folha não conseguiu acompanhar, somando-se isso o fato do momento de indefinições e mesmo de agravamento de uma crescente crise pelo qual passava a publicação. Ainda assim e mesmo que por pouco tempo, o *Artista* contribuiu para trazer a lume algumas das facetas da realidade rio-grandina, rio-grandense e brasileira, apresentando uma reconstrução caricatural dessas mesmas realidades<sup>56</sup>. Além da perspectiva crítica da caricatura, as inserções alocadas nas páginas do diário rio-grandino serviram também com um fundamento

---

<sup>56</sup> ALVES, 2009. p. 88-89.

## PROJETOS DE ARTE CARICATURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XX

encomiástico, com o intento de homenagear determinadas personalidades. Foi o caso da seção “Caras caricaturadas”, que trouxe saudações a alguns personagens com destaque nas vivências intelectuais, políticas, educacionais, médicas, socioeconômicas, entre outras, no âmbito citadino, refletindo uma das outras facetas da arte caricatural.



## COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**BIBLIOTECA  
RIO-GRANDENSE**



9 786553 060326

**ISBN: 978-65-5306-032-6**